



PARQUE NATURAL ENGENHO DO MAR

PRAIA DO ROSA SC

Acadêmico

Leonardo Gonçalves dos Santos

Orientadora

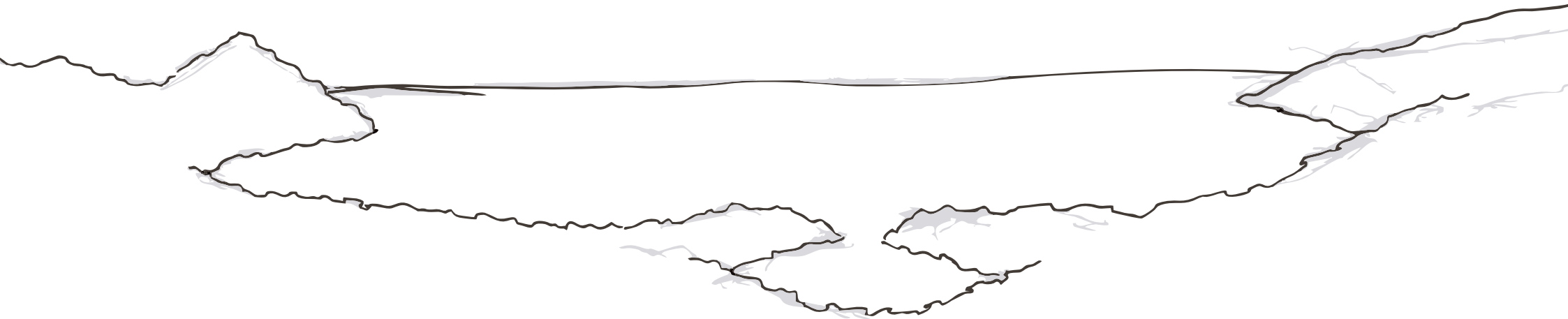
Prof. Dra. Michelle Souza Benedet

Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo
Tubarão SC 2019



UNISUL

Parque Natural Engenho do Mar



Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Acadêmico: Leonardo Gonçalves dos Santos
Orientadora: Prof. Dra. Michelle Souza Benedet

Tubarão - SC / 2019

Folha de Assinaturas

Acadêmico: Leonardo Gonçalves dos Santos.

Endereço: Rua Mané Chico, s/n - Ibiraquera - Imbituba - Santa Catarina.

Contato: (48) 99900-3224.

E-mail: leo.pdr@hotmail.com.

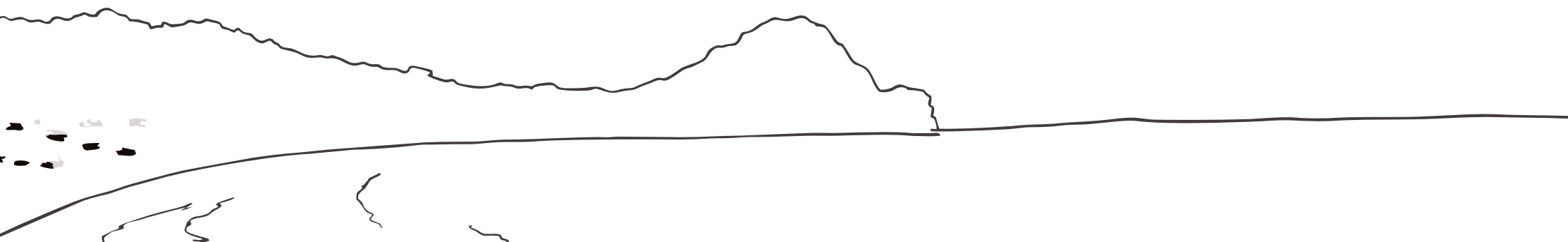
Orientadora: Prof. Dra. Michelle Souza Benedet.

Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, elaborado pelo acadêmico Leonardo Gonçalves dos Santos, apresentado em 2019 à banca avaliadora que segue:

Prof. Me. Rodrigo Althoff Medeiros

Prof. Dra. Michelle Souza Benedet.
Orientadora

Prof. Me. Ana Paula Cittadin



Agradecimentos

Primeiramente agradeço aos meus pais, Hermes Silva dos Santos e Patrícia Marques Gonçalves, por todo apoio e incentivo que deram para minha formação.

À minha tia, Jéssica Silva dos Santos, pela disposição em me ajudar.

À orientadora Michelle Benedet, pelo tempo dedicado ao meu trabalho e pelo aprendizado no decorrer do curso.



Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo a elaboração de um projeto de parque ecológico junto ao paisagismo da orla da Praia do Rosa, pertencente ao município de Imbituba, localizado em Santa Catarina. O local é um patrimônio natural muito importante ao estado, com forte apelo turístico, muito famoso pelas paisagem naturais e pela visita da Baleia Franca. Estes fatores acabam impulsionando o crescimento da economia local, assim esta intervenção busca preservar o ambiente local e proporcionar atividades para lazer e recreação. Neste trabalho foram estudados aspectos históricos, geográficos, econômicos e sociais da área, analisando o local e seu entorno, possibilitando assim o lançamento de uma proposta que atenda aos anseios e necessidades da comunidade local, junto aos turistas da região.

Abstract

The Course Conclusion Work (TCC) aims to prepare an ecological park project along the landscaping of the shore of Praia do Rosa, belonging to the municipality of Imbituba, located in Santa Catarina. The place is a very important natural patrimony for the state, with a strong tourist appeal, the landscape is very natural and the visit of the Whale Free, these factors finally end up boosting the growth of the local economy, so this faith seeks to preserve the local environment and date activities for leisure and recreation. In this work were studied aspects, geographic, economic and social of area, analysis of local and its surroundings, thus enabling the launch of a proposal that meets the yearnings and the needs of the local community, with the tourists of the region.



Sumário

Capítulo 1. Introdução

1.1 Apresentação do tema	9
1.2 Problemática e justificativa	10
1.3 Objetivos	11
1.3.1 Objetivo geral	11
1.3.2 Objetivos específicos	11
1.4 Metodologia	12

Capítulo 2. Referenciais Teóricos

2.1 Preservação Ambiental e Ecoturismo	14
2.2 Espaços Públicos	16
2.3 Parques Urbanos e Ecológicos	18

Capítulo 3. Referenciais Projetuais e Estudo de Caso

3.1 Parque Urbano Orla do Guaíba RS - BR	21
3.2 Red Mountain Park AL - EUA	26
3.3 Parque Natural Municipal do Morro da Cruz SC - BR	32
3.4 Considerações para este TCC	41

Capítulo 4. Análise da Área

4.1 Dimensão Funcional	43
4.1.1 Inserção da área na estrutura da cidade	43
4.1.2 Análise espacial da área	43
4.1.3 Sistema viário	44
4.1.4 Equipamentos urbanos	46
4.1.5 Análise do plano diretor	46
4.2 Dimensão Simbólica	46
4.3 Dimensão Bioclimática	46
4.4 Dimensão Topoceptiva	47
4.5 Dimensão Econômica	51
4.5.1 Infraestrutura	51
4.5.2 Cheios e vazios	51
4.5.3 Gabaritos	51
4.6 Dimensão Co-presencial	53
4.6.1 População envolvida	53
4.6.2 Morfologia urbana - público e privado	53
4.6.3 Uso do Solo	53
4.7 Dimensão Estética	55
4.8 Dimensão Afetiva	56
4.9 Síntese do diagnóstico	57



Capítulo 5. Proposta

5.1 Conceito	59
5.2 Diretrizes	60
5.3 Pré-dimensionamento	61
5.4 Partido e zoneamento	62
5.5 Parque ecológico	63
5.6 Orla da praia	64
5.7 Área cultural	65
5.8 Restaurante	66
5.9 Museu	67
5.10 Área de eventos	68
5.11 Materiais	69
5.12 Considerações finais	69

Capítulo 6. Referências

71

Capítulo 7. Apêndices

7.1 Questionário	74
7.1 Entrevista	76
7.2 Mapas mentais	76



1. Introdução

O capítulo estabelece o contexto do tema para a proposta, apresentando as problemáticas e justificativas, bem como os objetivos e metodologias utilizados na elaboração do estudo.

1.1 Apresentação do tema
1.3 Objetivos

1.2 Problemática e justificativa
1.4 Metodologia

1.1 Apresentação do tema

O presente estudo tem como base fundamentos específicos para elaboração de um parque ecológico na Praia do Rosa, em Imbituba (SC), para a preservação da paisagem local e consequentemente da natureza.

Segundo Sakata (2018), além dos aspectos ambientais, sociais e urbanísticos, há uma carência histórica por espaços públicos qualificados e democráticos nas cidades brasileiras, sendo tão desigual quanto a sociedade que o constrói, ressaltando assim a importância de proporcionar espaços públicos para uso amplo da população. A ideia de parque é muito propagada como positiva, sendo sinônimos da conservação e limites da ocupação urbana, sua ligação às qualidades urbana e ambiental é seu grande ponto difusor.

Desta forma o tema surgiu devido a importância do local para a região, tratando-se da praia mais famosa do município, que atrai diversos turistas no verão, sendo uma área de proteção ambiental que necessita ser preservada. A intervenção tem como finalidade a busca da preservação da fauna e flora local, bem como a conscientização e aproximação da comunidade e turistas com o meio natural, oferecendo lazer e atividades em meio à natureza, melhorando a qualidade de vida local. O projeto além de valorizar a região onde está inserido, buscará conscientizar e trazer os valores das questões ambientais, servindo como exemplo para futuras intervenções em meio à natureza.

O local trata-se de uma área de proteção ambiental

necessitando de uma maior proteção à natureza, visto que não há uma área de proteção permanente (APP) que proíba construções em determinados locais, que conforme o Código Florestal, Lei nº 12.651/12, entende-se como uma área protegida com função ambiental preservando recursos hídricos, paisagem, estabilidade geológica e biodiversidade, fluxo genérico da fauna e flora, proteger o solo e bem estar humano.

Além da preservação ambiental a intervenção também busca preservar a rica história e cultura local, como a tradição da pesca artesanal e da tainha que utiliza técnicas vindas da colonização açoriana, além de seus ranchos, que convive com o desenvolvimento constante e o turismo em massa, e também os engenhos de farinha que usam a mandioca com matéria-prima da farinha nessa produção artesanal, fruto da associação indígena e açoriana.

Reconhecida como Capital Nacional da Baleia Franca segundo a Lei nº 12.282 de 5 de julho de 2010, o município é a cidade Catarinense que possui o maior número de visitas da baleia, cerca de 60 na temporada, de julho a novembro, segundo o Instituto Baleia Franca. A contribuição para a colonização de Imbituba devido a caça desses cetáceos hoje dá lugar para a oportunidade de sua observação, estudo e preservação.

Assim o projeto se inspira nestes elementos da cultura além de oferecer por meio do ecoturismo a valorização de produtos típicos da região e da cultura local, com espaço para exposição e comercialização de produtos típicos da região, valorizando a diversidade encontrada no local.

1.2 *Problemática e justificativa*

O presente trabalho justifica-se pela valorização e preservação do patrimônio histórico e natural, através da implantação de um parque ecológico, visto que trata-se de uma região com carência de espaços públicos de qualidade na cidade, com a falta de ambientes que ofereçam diferentes atividades para lazer e recreação, não atendendo as necessidades de moradores da região e dos turistas.

Conforme Dourado (1977), é crescente o interesse pelos espaços públicos para convívio e recreação nas cidades, sendo estes, grandes provedores para qualidade de vida, que segundo Marques (2005), está diretamente ligado à preservação do meio ambiente. Dessa forma vale ressaltar a intenção deste trabalho, cuja proposta busca a preservação dos recursos naturais do local, através de um espaço estruturado, proporcionando a interação social com a natureza por meio de diferentes meios, propiciando melhor qualidade de vida para os moradores da região.

A escolha da Praia do Rosa para a proposta do parque ecológico se dá pela importância que o local possui, tanto em aspectos ecológicos, paisagísticos, como cultural. Sua implantação visa barrar a expansão urbana perante as áreas naturais, enquanto proporciona um grande espaço público, com atividades para lazer e recreação ativa, aproximando o homem com a natureza e promovendo a educação ambiental, por meio de atividades e trilhas em meio a natureza.

A parte central do parque fica localizada onde hoje se

encontra o condomínio embargado no morro do Rosa Norte, tratando-se de um patrimônio natural de interesse público, sendo destinado à população.

Já o tratamento paisagístico da orla da Praia do Rosa tem como objetivo estreitar a relação do homem com a natureza local, fazendo a conexão da orla da praia com o parque a ser desenvolvido, valorizando a paisagem local e proporcionando a utilização deste espaço tanto no dia, como na noite.

De acordo com Sakata (2018), os parques se difundiram no contexto ambiental e de transformação urbana, pois proviam, além da preservação de recursos naturais, o fornecimento de espaços para lazer e recreação, valorizando os locais que recebem estes empreendimentos.

Franco (1997) ressalta o pensamento de Patrick Gueddes sobre o urbanismo, afirmando não ser uma arte de fazer um lugar perfeito onde tudo esteja bem (utopia), mas sim de fazer o melhor de todos os lugares (eutopia), principalmente onde vivemos.

A proposta de intervenção se mostra como uma boa alternativa para solução dos problemas relatados, visto que trata-se de uma área com grandes potencialidades que podem e devem ser utilizados em prol da comunidade local, proporcionando uma melhor qualidade de vida à população, atendendo as demandas da região.

Cada geração desenha seu perfil e seu entorno; cada geração inventa sua identidade e sua circunstância; cada geração escava seu rosto e sua paisagem. Somos tão responsáveis pelo olhar que contempla como pelo panorama contemplado.

Luis Fernández-Galiano

Como justificativa pessoal, por ser nativo da Praia do Rosa, tive a oportunidade de ter o contato direto com os engenhos de farinha e ranchos de pesca da minha família, possibilitando conhecer e participar das atividades exercidas nos mesmos.

Desta forma estes elementos me trazem profundo bem-estar e admiração pela cultura e tradição local, vejo que conforme o tempo passa essa tradição proporcionada por eles vai se perdendo, não sendo dado o devido valor que merecem, suas atividades acabam de certa forma entrando cada vez mais em esquecimento, visto que são trabalhos pouco rentáveis atualmente, sendo cada vez menor o número de pessoas que praticam a pesca artesanal e produzem farinha de mandioca nos engenhos.

A praia foi o local de lazer que mais frequentei durante minha infância, ampliando minha relação com a natureza e fortalecendo minha ligação com o local onde moro. Vejo o grande patrimônio natural e paisagístico que a Praia do Rosa possui e que vem sendo ameaçado pelo desenvolvimento desenfreado.

Imbituba possui diversos elementos históricos e naturais que devem ser valorizados e preservados antes que os mesmos se percam devido ao desconhecimento, desinteresse ou negligência a estes patrimônios.

1.3 *Objetivos*

O desenvolvimento deste trabalho tem os seguintes objetivos a serem alcançados.

1.3.1 **Objetivo geral**

Elaborar as diretrizes e anteprojeto de um Parque Ecológico na Praia do Rosa, valorizando e preservando seu potencial paisagístico natural, proporcionando um espaço público de qualidade trazendo mais opções para lazer na região.

1.3.2 **Objetivo específicos**

- a) Propor um parque ecológico para a preservação da fauna e flora nativa.
- b) Elaborar uma proposta paisagística que conecte o parque com a orla da praia e a lagoa.
- c) Propor espaços de lazer e contemplação para prática do ecoturismo e esportes de aventura ativa.
- d) Propor um espaço para promover a educação ambiental, junto ao monitoramento da fauna e flora, com destaque para a presença da Baleia Franca.
- e) Aproveitar os elementos históricos locais para conceituar o projeto e promover a cultura e história da região.

1.4 Metodologia

A metodologia adotada no desenvolvimento do estudo foi dividida em 4 partes para melhor compreensão, sendo referenciais teóricos, referenciais projetuais e estudo de caso, diagnóstico da área e proposta, para assim no TCC II, elaborar o anteprojeto.

1-Referenciais teóricos: busca através de pesquisas bibliográficas, em livros e artigos, a compreensão e aprofundamento sobre o tema abordado. Destacando-se dentre as bibliografias estudadas os livros “Desenho Ambiental: Uma introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico” de Maria de Assunção Ribeiro Franco (1997) e “Lições de Arquitetura” de Herman Hertzberger (2006), bem como o artigo “Parques Urbanos no Brasil de 2000 a 2017” de Francine Gramacho Sakata (2018).

2-Referenciais projetuais e estudo de caso: apresenta uma análise de projetos que servirão de referência para proposta a ser elaborada. Utilizando em seu roteiro de análise dos seguintes elementos: composição geral e traçado urbano; acessos e entradas; circulações; inserção urbana; vegetação e materiais e equipamentos e mobiliários. Já o estudo de caso compreende aspectos importantes da estrutura do parque ecológico, junto ao seu contexto de inserção, bem como seu funcionamento e relações com os usuários e a natureza. O roteiro do estudo de caso abrange: composição geral e traçado urbano; acessos e entradas;

circulações; inserção urbana; vegetação e materiais; equipamentos e mobiliários; walkthrough; entrevista com os funcionários do parque e mapeamento comportamental.

3-Diagnóstico da área: trata-se de um levantamento de dados da área de estudo, abrangendo sua história, seus condicionantes físicos e naturais, possibilitando uma melhor compreensão da área, além de servir como diretrizes fundamentais para a proposta. O roteiro de análise utiliza a metodologia das dimensões morfológicas dos lugares da Mariana Elaine Kohlsdorf e Gunter Kohlsdorf, abordando os seguintes dimensões: funcional que traz as característica que configuram o local e incidem sobre sua eficiência; simbólica que apresenta o vínculo emocional, seja pelo meio visual ou pela evocação de conteúdos significativos; bioclimática que mostra os fatores que incidem no conforto dos indivíduos; topoceptiva que traz o nível de orientação e localização dos usuários; econômica que apresenta a configuração do espaço referente ao custo de produção e utilização; co-presencial que mostra fatores propícios e restritivos ocasionados nos espaços; estética apresentando as características dos conjuntos arquitetônicos e afetiva apresentando a personalidade do local.

4-Proposta: trata-se da elaboração de um partido geral para a implantação de um parque ecológico na Praia do Rosa, conceituado com base nos estudos e análises realizados no decorrer do trabalho, apresentado a proposta através de plantas, cortes e croquis esquemáticos.

2. Referenciais Teóricos

O capítulo traz como referência a importância da preservação ambiental, junto aos espaços públicos e parques, sendo estes instrumentos importantes para a promoção da qualidade de vida e economia local.

2.1 Preservação ambiental e ecoturismo
2.3 Parques urbanos e ecológicos

2.2 Espaços públicos

2.1 Preservação ambiental e ecoturismo

Atualmente a preocupação com a preservação ambiental é um tema em destaque, estando presente nos principais meios de comunicações, tornando-se motivo de estudos e também assunto nos tratados internacionais entre países, sendo tema muito amplo e atual, recorrente em muitas discussões. Consequentemente exerce papel de suma importância pois além de proteger o meio em vivemos, trata-se também de dar suporte à vida atual e às futuras gerações.

O meio ambiente ecologicamente equilibrado propicia saúde e sadia qualidade de vida e, em última análise, a própria vida. Trata-se, então, de um suporte que sustenta a vida. (MARQUES, 2005, p.29)

Conforme Franco (1997), a crise ambiental planetária só ganhou notoriedade ao fim da Segunda Guerra, visto que os recursos naturais eram finitos e o controle da natalidade deveria ser regulado pela disponibilidade da produção de alimentos. Ainda conforme o autor, em 1969, o congresso dos EUA aprova o *National Environmental Policy Act* (NEPA), que estabelece uma política ambiental conservadora, surgindo assim uma nova linha de pensamento para os arquitetos, o Desenho Ambiental, que foi iniciado pelo McHarg e L. Halprin, baseando-se no conceito da minimização dos impactos em recursos naturais e culturais. Já em 1980 implanta-se no Brasil uma Política Nacional do Meio

Ambiente, influenciada pela NEPA, definindo na sua Lei nº 6 938, de 31 de agosto de 1981, com objetivo de preservar e recuperar a qualidade ambiental propícia a vida. Esta mesma lei cria também o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), definindo As Áreas de Proteção Permanentes (APAs), destinadas a proteger e conservar a qualidade ambiental, junto aos sistemas naturais existentes, trazendo qualidade de vida a população e protegendo os ecossistemas regionais.

O conceito de meio ambiente trata-se, conforme o dicionário básico da língua portuguesa Folha/Aurélio 2014, como o conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos.

Segundo Marques (2005), a promoção da preservação ambiental influencia diretamente a qualidade de vida, que por sua vez trata-se de um tema sendo amplo e difícil de ser definido em poucas palavras. Está ligado aos direitos sociais, como os previstos na Constituição federal, envolvendo meio ambiente, moradia, trabalho, lazer, bem como serviços públicos, como fornecimento de água, energia, entre outros.

Marques (2005, p.40) cita Harvey S. Perloff, ressaltando a importância da preservação do meio ambiente, onde:

a qualidade do meio ambiente em que a gente vive, trabalha e se diverte influi consideravelmente na própria qualidade de vida. O meio ambiente pode ser satisfatório e atrativo, e permitir o desenvolvimento individual, ou pode ser nocivo, irritante e atrofante.

O atual desenvolvimento das cidades encontram-se muito ligado às questões econômicas, ignorando as ambientais, que são de suma importância para a qualidade de vida da população. Atualmente com a maior conscientização dos cidadãos sobre questões ambientais, vem se buscando diminuir esses impactos causados pelo desenvolvimento das cidades sobre o meio natural.

Segundo Sansolo (2007), mesmo o Brasil contendo a maior biodiversidade do planeta, possuindo um grande potencial turístico, é necessário um equilíbrio, entre o turismo e preservação, visto que nosso país não atende os requisitos básicos para gestão da conservação natural. Este equilíbrio mencionado anteriormente é um fator inexistente atualmente na Praia do Rosa, pois o turismo é sem dúvidas a atividade responsável por grande parte da distribuição de renda na região, bem como a degradação da paisagem local, que é uma de suas virtudes. Dessa forma se mostra necessária a implantação do ecoturismo na região, junto à educação ambiental, para não só promover a preservação da paisagem como a qualidade do meio ambiente local.

Essa aproximação da natureza empreendida pelo homem contemporâneo alimenta-se de uma contradição: enquanto induz e conscientiza para a preservação e conservação do nosso patrimônio natural, promove a ampliação e exploração de seu consumo. As próprias formas que vão mediar entre o turismo e o território configuram-se a partir de um arsenal de objetos técnicos (infra-estrutura urbana e turística) que, no limite, coloca em risco a sustentabilidade de inúmeros ecossistemas. (PAES-LUCHIARI, 2007, p36)

De acordo com Schneider (2000), a educação ambiental trata-se de um conjunto de ações que visa conciliar o desenvolvimento, com a preservação e a qualidade de vida do ser humano. Portanto deve levar o homem a conviver em harmonia junto à natureza, incentivando a participação dos cidadãos nas questões que envolvem a preservação do meio ambiente, assim deve trazer uma dinâmica entre os sistemas sociais e os ecossistemas naturais.

A Revista Brasileira de Ecoturismo define, segundo Pinto Andrade e Silva (2009), o ecoturismo como forma de turismo de baixo impacto sobre os locais e comunidades em que é inserido, com a utilização de forma sustentável dos patrimônios culturais e naturais do local, diferente do turismo convencional que acaba trazendo impactos ambientais e socioculturais. Vale ressaltar também que a implantação da educação ambiental e adoção do ecoturismo contribui diretamente com o desenvolvimento sustentável da região.

Elementos naturais e históricos atualmente representam um grande atrativo para o turismo, sua exploração através do ecoturismo proporciona a utilização destes espaços de forma consciente sem causar mais impactos ambientais e socioculturais na região, como o modelo atual e convencional do turismo. As atividades de lazer e recreação em espaços naturais são cada vez mais visadas pela população e promovem não apenas melhorias de bem estar como o aumento na qualidade de vida, junto à preservação dos recursos naturais.

Essa busca pela preservação se dará pela implantação de

um parque ecológico na Praia do Rosa, com uma intervenção de baixo impacto ambiental, preservando a integridade da paisagem local, fortalecendo e incentivando o ecoturismo na região, oferecendo novos espaços para encontros, lazer e recreação.

2.2 Espaços públicos

Os espaços públicos são espaços de encontro, comércio e lazer, sendo locais valiosos para as cidades e meios urbanos, proporcionando à população locais e espaços para a realização de atividades e para recreação, atendendo os anseios das regiões em que são inseridos, promovendo a qualidade de vida.

Hertzberger (1999) define o conceito de público e privado, como áreas coletivas e individuais, sendo públicos os espaços abertos sem restrições, mantidos pela população. Já os privados são de acesso restrito a determinados grupos ou pessoa, sendo mantidos pelo mesmo. Para ele o segredo dos espaços e obras públicas é o sentimento de responsabilidade da população em mantê-los, contribuindo assim para o ambiente no qual se relacionam se identificam.

Os espaços públicos abertos de lazer trazem inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade do ambiente urbano, entre eles a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento humano e o relacionamento entre as pessoas. Além disso, a vegetação que geralmente está presente nesses

espaços favorece psicologicamente o bem-estar do homem, além de influenciar no microclima mediante a amenização da temperatura, o aumento da umidade relativa do ar e a absorção de poluentes, além de incrementar a biodiversidade. (OLIVEIRA e MASCARADO, 2007, p.60)

Outro ponto importante abordado no livro *Lições de Arquitetura* que pode auxiliar na elaboração de melhores espaços públicos é a correspondência da forma e do uso que, conforme Hertzberger (1999), a forma determina o uso e a experiência, bem como é determinada pelos mesmos. Portanto, para propor os espaços públicos deve se preocupar com as interpretações pessoais, tanto no tempo atual, como no que está por vir. Outros termos importantes abordados por Hertzberger (1999), são a competência que significa a capacidade da forma de ser interpretada, há também o desempenho, que é o modo como a forma é ou foi interpretada numa situação, já o termo estrutura equivale ao coletivo, permitindo a interpretação do que espera e se exige em uma determinada situação, como a relação de um plano urbano, por exemplo. Portanto, conforme o autor, os usos não atribuídos às estruturas concebidas podem ser atendidos através de sua competência, desempenhando diversas funções em diferentes circunstâncias, embora a estrutura não mude para atender a nova função, sua forma se adapta a uma nova função, ao mesmo tempo que permanece a mesma.

O arquiteto pode contribuir para criar um ambiente que ofereça muito mais oportunidades para que as pessoas deixem suas marcas e identificações pessoais, que possa ser apropriado e anexado por todos como um lugar que realmente lhes “pertença”. (HERTSBERGER, 1999, p47)

Segundo Oliveira e Mascaró (2007) a demanda dos espaços públicos cresce junto à densidade demográfica, sendo as áreas mais ocupadas como os centros urbanos, as que mais necessitam destes espaços. Ao mesmo tempo em que o adensamento do solo torna viável a infraestrutura local e diminui os deslocamentos, acaba afetando a qualidade ambiental e a biodiversidade.

De acordo com Hertzberger (1999), se as residências são domínios privados, as ruas são domínios públicos, sendo estes espaços usados ao longo da história para ações, revoluções e celebração, tratando-se de locais tão importantes quanto os espaços públicos projetados por arquitetos. Mostrando assim a importância que se deve ter com todos os espaços da cidade, visto que estes espaços são feitos para atender a população e devem refletir e estimular a interação social, fazendo com que os usuários se apropriem destes ambientes.

Conforme Hertzberger (1999), os verdadeiros espaços públicos estavam quase sempre ao ar livre, sendo que até o século XIX existiam poucos edifícios públicos, onde poucos eram totalmente abertos ao público, sem restrições.

No artigo Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer, Oliveira e Mascaró (2007) relatam a

falta de infraestrutura e manutenção dos espaços públicos fazendo com que estes ambientes não sejam utilizados para seu propósito, surgindo assim espaços que causam insegurança e acabam sendo marginalizados. Portanto a apropriação destes espaços pela população tem relação direta com o estado de conservação destes patrimônios, estando diretamente ligado ao seu estado de conservação, bem como a relação entre os equipamentos e mobiliários disponíveis à população.

Oliveira e Mascaró (2007) também fazem um alerta para as áreas onde se há uma expansão ou intensificação da ocupação urbana, visando medidas para melhorar sua qualidade. Para isto é necessária a distribuição de espaços públicos de qualidade, de forma igualitária, além de qualificar os espaços já existentes que não atendem a demanda da população e não contribuem para a qualificação dos espaços urbanos e ambientais.

Ao entender a importância dos espaços públicos e o papel que estes desempenham, mostra-se que os mesmos são fundamentais para a qualidade da estrutura urbana das cidades, pois além de promoverem aspectos relacionados à qualidade de vida junto aos socioeconômicos, também contribuem com a regularização microclimática e diminuição da poluição visual e sonora, tratando-se de locais de interesse coletivo, diretamente ligados às demandas sociais, sendo não apenas espaços opcionais, mas sim obrigatórios em todas cidades.

2.3 Parques urbanos e ecológicos

Os parques são espaços verdes indispensáveis para as cidades proporcionando opções de lazer e maior qualidade ao meio ambiente, oferecendo benefícios diversos à saúde da população, tanto física como mental, promovendo a diminuição do sedentarismo, através das atividades oferecidas e diminuindo o estresse mental da rotina em meio aos centros urbanos.

Conforme Dourado (1977), nas últimas três décadas se consolidou um crescente interesse pela criação de espaços de convívio e recreação como instrumentos de melhoria da qualidade de vida da população, seja através de grandes estruturas como parques, ou por menores, como praças públicas, clubes e áreas de lazer privadas.

O parque se diferencia da praça em dois pontos: na dimensão e na referência à natureza. Enquanto o parque tem como objetivo aproximar o homem da paisagem natural, sendo necessários grandes espaços cobertos de vegetação, a praça tem primazia na sua função social, de encontros e acontecimentos sociais, onde o verde pode ou não estar presente. (OLIVEIRA e MASCARADO, 2007, p.60)

O Código Florestal de 1965, decreto Estadual nº 25.341, de 14/06/1986, art. 1º., parágrafos 1º, define que a função dos parques (não mencionada no atual Código Florestal de 2012) era resguardar atributos raros da natureza, conciliando a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização

para objetivos educacionais, recreativos e científicos. Já o Sistema Nacional de Unidades de conservação (SINUC), lei federal nº 9985, de 18/07/2000, art.11, define a função dos parques como áreas para preservar os recursos naturais e sua beleza cênica, além de possibilitar a elaboração de pesquisas e desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, turismo ecológico e recreação em meio a natureza.

Para Sansolo (2007), os parques também exercem um papel geopolítico importante, contendo os avanços dos mais diversos empreendimentos, sejam estes turísticos, industriais ou agrários sobre ecossistemas e áreas de comunidades tradicionais.

De acordo com Teramussi (2008), os parques ecológicos têm enfoque na aproximação da sociedade com a natureza, através de atividades de educação ambiental e lazer, diferente das áreas especiais de preservação, que tem como objetivo principal a conversação da biodiversidade, portanto, o uso destes espaços pela população se mostra fundamental para alcançar os objetivos das unidades de conservação. Já Sakata (2018) define parques ecológicos aqueles com propósitos filosóficos de sustentabilidade e ecologia, sejam estes meramente simbólicos ou de fato sistemas funcionais.

...pode-se então definir como Parque Ecológico o parque que prima por se orientar pela Visão Ecossistêmica, senão real, pelo menos virtual, a título de informação. (FRANCO, 1977, p.36)

Segundo Sakata (2018) os parques urbanos brasileiros contemporâneos são espaços públicos inseridos ou tangentes a

malha urbana, sendo uma fusão do conceito de parque urbano, que é destinado à recreação da população, com o parque natural, destinado à conservação ambiental. Essa junção simultânea embora não caracterize os parques contemporâneos se mostra desejável, pois ao mesmo tempo que viabiliza os espaços para usufruto da população ainda protege os recursos naturais e a paisagem segundo a autora.

Ainda segundo Sakata (2018), os parques devem oferecer equipamentos de lazer para recreação coletiva, com quantidade e variedade. Assim a autora aponta o parque urbano como a área na cidade onde há predominância dos recursos naturais destinados à apropriação para lazer da população, sendo estes espaços teoricamente para valorização dos condicionantes naturais junto à paisagem. Tratando-se de espaços onde não há conflitos, proporcionando diversidade para a rotina, onde não se tem estresse mas sim lazer, revigorando o corpo e a mente dos usuários, observando-se nos parques uma espécie de refúgio do caos dos centros urbanos (quadro 1).

Para Leitão Filho e Azevedo (1998) os parques ecológicos devem ser áreas comunitárias destinadas para o lazer com a integração do homem com a natureza, através de suas trilhas ecológicas, cursos e plantios comunitários, realizando desta forma a educação ambiental. Sendo palco para manifestações voltadas ao meio ambiente, os parques ecológicos devem possuir a infraestrutura necessária para atender os visitantes, bem como uma área mínima de 50 hectares, para poder reunir elementos importantes da natureza como fauna e flora local, junto às trilhas e

demais equipamentos, promovendo desta forma a sensibilidade da comunidade, junto à sua capacitação e à difusão de informações, sendo uma unidade paisagística que atua tanto como um centro de lazer como cultural, reforçando a relação do homem com a natureza.

A implantação de um parque ecológico na Praia do Rosa tem como objetivo agregar valor ao bairro e à região em que está inserido, promovendo melhorias em diversos aspectos, como a qualidade de vida e preservação dos recursos naturais e da paisagem local, proporcionando atividades de recreação, aproximando a população local e usuários com a natureza, incentivando assim sua preservação junto ao equilíbrio ecológico.

Quadro 1 - Associações entre espaços urbanos e parques.

Quadro: Oposições associadas a espaços urbanos e a parques	
Características associadas aos espaços urbanos	Características associadas aos espaços dos parques
construído	livre
coberto	aberto
apertado	amplo
árido	vegetado
sensação de ar poluído	sensação de ar mais limpo
preferencialmente seco	com lago
peessoas com pressa	peessoas passando o tempo
peessoas tensas	peessoas relaxadas
com carros	sem carros
crianças contidas	crianças ativas
alerta permanente para a segurança – abordagens, roubos, sequestro (Brasil)	expectativa de se sentir relativamente mais seguro

Fonte: Francine Gramacho Sakata.

A scenic view of a park with a pond, palm trees, a wooden bridge, and a gravel path. The pond is in the foreground, with a blue floating device on it. A wooden bridge crosses the pond in the middle ground. A gravel path runs along the right side of the pond, with a wooden fence and benches. Palm trees and other tropical vegetation are visible in the background.

3. Referenciais Projetuais e Estudo de Caso

O capítulo traz uma análise de três projetos de parques, sendo um estudo de caso com ênfase em uma unidade de conservação ambiental, buscando esclarecer as ideias e estratégias adotadas pelos referenciais, servindo como fundamentação para a proposta a ser elaborada no partido.

3.1 Parque Urbano Orla do Guaíba RS - BR

3.2 Red Mountain Park AL - EUA

3.3 Parque Natural Municipal do Morro da Cruz SC - BR

3.4 Considerações para este TCC

3.1 Parque Urbano Orla do Guaíba -RS

Projetado por Jaime Lerner Arquitetos Associados, com a primeira fase da obra concluída em 2018, o parque fica localizado próximo à área central de Porto Alegre, onde seu projeto abrange uma área de 5,7 hectares ao longo de 1,5km na margem do Lago Guaíba, no Rio Grande do Sul.

Surgindo em uma área com sérios problemas, onde teve um alagamento por mais de 20 dias entre abril e maio de 1941, tendo como contrapartida a implantação de um sistema de segurança contra cheias, adotando diques com 3 metros de altura do solo. Essa medida junto a via movimentada cria uma barreira física entre a cidade e a orla do rio. Desta forma, o projeto surge com um grande impacto positivo à região trazendo uma regeneração urbana e ambiental, recuperando uma área degradada. A abordagem estreita também a relação dos habitantes com o patrimônio natural da área outrora esquecido, trazendo a integração ao ambiente e oferecendo diferentes experiências e atividades, como prática de esportes e espaços de contemplação e lazer.

Composição Geral e Traçado Urbano

Segundo Evelise Grunow, a descrição dada pela equipe do projeto, no traçado orgânico, Lerner utilizou como referência os morros e paisagens distantes para as curvas do projeto, criando assim um traçado totalmente diferente do seu entorno, dando prioridade à visão do lago, trabalhando com três níveis distintos. A ciclovia e o calçamento se encontram no nível da rua; logo abaixo, bares e pistas de caminhada e; por último, um conjunto de deques e passarelas metálicas que avançam sobre o rio.

Embora não possua áreas com vegetação densa ou barreiras visuais para criar elementos surpresa, o traçado orgânico e os desníveis junto à massa de vegetação, água, madeira e metal ajuda a criar diferentes espaços ao longo do caminho quebrando a monotonia local, trazendo diferentes texturas sem exageros, instigando o visitante a seguir os diferentes caminhos, trazendo descobertas e incentivando a explorar a paisagem local ao longo do lago (figura 1).

Figura 1 - Orla do Lago Guaíba.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Acessos e entradas

Localizado no longo da margem da Orla do Guaíba os acessos ao parque estão dispostos por faixas de pedestres ao longo Avenida Edvaldo Pereira Paiva (figura 2), fazendo a conexão direta com a vizinhança, contando com espaços físicos para estacionamento e concentrações momentâneas como a chegada de ônibus.

Os acessos não possuem volumes para sua marcação, a intervenção de modo geral é discreta sem barreiras para impactar a paisagem, valorizando a vista para a orla (figura 3).

Figura 3 - Av. Edvaldo Pereira Paiva.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Figura 2 - Implantação com acessos.



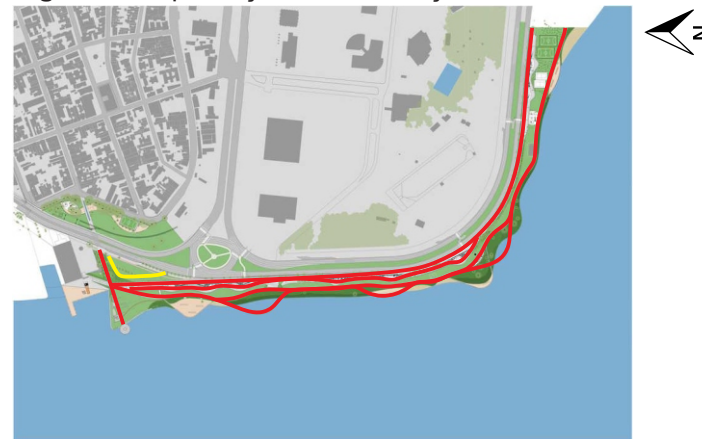
Fonte: Archdaily. Editado pelo autor, 2019.

Circulações

O eixo de circulação do parque fica disposto no passeio público ao longo da avenida com forte impacto paisagístico, faixas exclusivas para pedestres e ciclistas se encontram no nível da rua, enquanto os caminhos internos não possuem demarcação, sendo compartilhados entre pedestres e ciclistas ao longo das sinuosas curvas do seu traçado.

A circulação de veículos no parque é proibida, sendo permitida somente no estacionamento (figura 4). Os caminhos orgânicos possuem larguras variáveis, faixas acessíveis a deficientes visuais se encontram apenas na calçada ao longo da avenida, não adentrando ao parque. As rampas para pessoas com dificuldades de locomoção encontram-se bem distribuídas ao longo do parque.

Figura 4 - Implantação com circulações.



Fonte: Archdaily. Editado pelo autor, 2019.

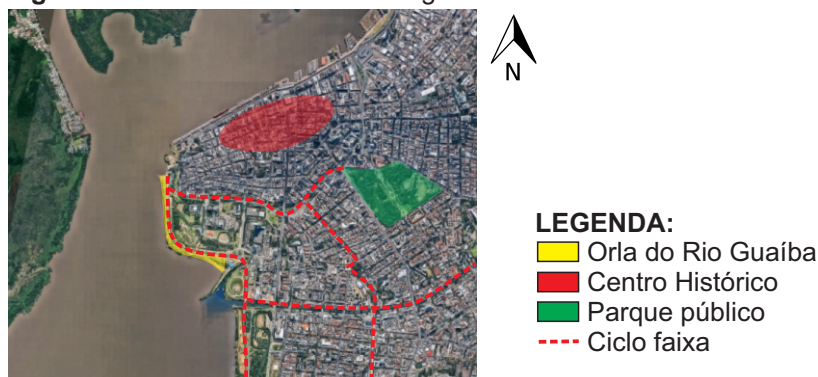
LEGENDA:
 → Circulação de veículos → Circulação de pedestres e ciclistas

Inserção Urbana

Localizada na área central de Porto Alegre (figura 5), próxima ao Centro Histórico, a Orla do Rio Guaíba é um elemento chave na revitalização do local, estando em uma área bem consolidada com poucos espaços verdes, tendo grande potencial para a criação de um espaço de integração dos habitantes com a natureza local, proporcionando uma nova gama de atividades e espaços públicos para lazer.

De acordo com a análise feita pelo Google Maps, a região pode ser considerada em sua maioria mista, com muitos comércios e instituições próximas, o que se mostra algo bem positivo evitando grandes deslocamentos dos moradores locais para fazer seus afazeres. A ciclofaixa do Parque Urbano Orla do Guaíba se estende por boa parte do lago, possuindo algumas conexões com o centro da cidade levando até o Parque da Redenção.

Figura 5 - Vista aérea de Porto Alegre.



Fonte: Google Maps. Editado pelo autor, 2019.

Vegetação e materiais

Aspectos ecológicos importantes foram adotados no paisagismo do parque, introduzindo espécies de vegetação nativa promovendo a regeneração do local. O tratamento diferenciado das superfícies com seus acabamentos naturais trazem vida para o local, onde tanto a iluminação artificial como natural proporcionam a apreciação da bela paisagem.

A forma de composição do parque possibilita a visibilidade de elementos marcantes da paisagem local, aproveitando bem o desnível local criando diferentes pontos focais, para apreciar as vistas (figura 6), enquanto as vegetações implantadas não criam barreiras visuais, elas também não oferecem muitos abrigos para o sol da tarde (figura 7), sendo um local predominantemente aberto.

Figura 6 - Vista do caminho coberto.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Figura 7 - Vista do mirante.

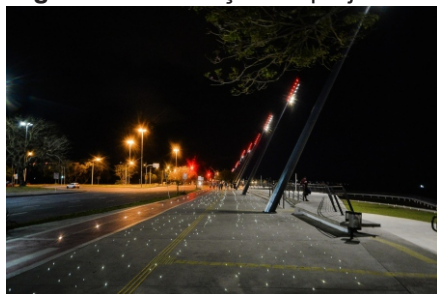


Fonte: Arthur Cordeiro.

Equipamentos e mobiliários

Os mobiliários estão bem distribuídos no parque, possuindo padrões variados, na sua maioria em madeira e concreto, sendo que o primeiro traz mais conforto para os usuários (figura 9). O parque é totalmente iluminado, possibilitando seu uso noturno e trazendo mais segurança aos visitantes, destacando a solução da iluminação utilizada em seu projeto arquitetônico (figura 8).

Figura 8 - Iluminação do projeto.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Figura 9 - Banco em madeira.



Fonte: Arthur Cordeiro.

O parque conta com equipamentos variados em toda sua extensão (figura 11), possibilitando ao visitante passar longos períodos, trazendo também uma movimentação em todos os espaços projetados.

Há valorização da paisagem através dos degraus que formam as arquibancadas para contemplação da paisagem e por do sol (figura 11).

Figura 10 - Arquibancada.



Fonte: Michelle Benedet.

Figura 11 - Implantação e equipamentos.



Fonte: Evelise Grunow. Editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| ① Usina gasômetro | ⑨ Posto de segurança |
| ② Praça Júlio Mesquita | ⑩ Passeio com ciclofaixa |
| ③ Biblioteca | ⑪ Obra de arte |
| ④ Restaurante panorâmico | ⑫ Caixa d'água |
| ⑤ Deck | ⑬ Parque infantil |
| ⑥ Bar | ⑭ Quadras esportivas |
| ⑦ Passarela | ⑮ Vestiários |
| ⑧ Pista de caminhada | ⑯ Ambulantes |

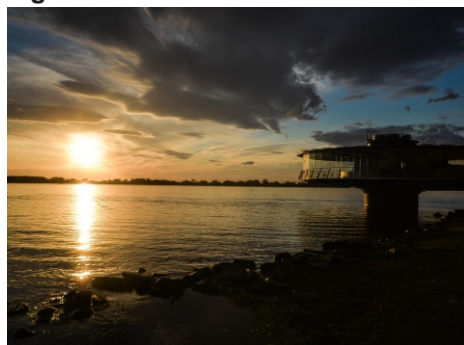
A biblioteca (figura 12) oferece entretenimento ao visitante, que pode efetuar a leitura em um ambiente diferenciado, próximo ao lago. Já o restaurante (figura 13), junto aos ambulantes e bares do parque, proporcionam a permanência prolongada no local, visto que não é necessária a saída do parque para alimentar-se.

Figura 12 - Biblioteca.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Figura 13 - Restaurante.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Os decks (figura 14) adentram sobre o lago Guaíba, oferecendo espaços de descanso e contemplação, com bancos em madeira oferecendo maior conforto. As passarelas (figura 15) aproximam o usuário com o rio, dando uma sensação diferenciada ao passeio.

Figura 14 - Decks.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Figura 15 - Passarelas.



Fonte: Arthur Cordeiro.

O parque oferece espaços para caminhada, corrida e pedalada durante toda sua extensão, junto a pontos específicos para prática de atividades físicas, com a academia ao ar livre (figura 16) e quadras esportivas (figura 17) abrangendo um maior alcance de público.

Figura 16 - Academia ao ar livre.



Fonte: Michelle Benedet.

Figura 17 - Quadras esportivas.



Fonte: Michelle Benedet.

O mirante (figura 18) traz um ponto de perspectiva e contemplação diferenciado para área, sendo um elemento marcante do parque. Os bancos em concreto (figura 19) também atraem os usuários devido ao seu formato, embora sejam menos confortáveis que os de madeira.

Figura 18 - Mirante.



Fonte: Arthur Cordeiro.

Figura 19 - Banco em concreto.



Fonte: Michelle Benedet.

3.2 Red Mountain Park - Birmingham, AL

Projetado pela WRT e vencedor do prêmio ASLA (American Society of Landscape Architects), o parque fica localizado nos Estados Unidos, Birmingham, a 10 km do centro da cidade. Segundo ASLA o projeto abrange uma área de 1.200 hectares, onde havia uma mina de aço, sendo esta responsável por grande parte da economia da região. Com a cessão da exploração do aço, a mina deixou uma grande área privada vazia, por mais de 40 anos. Com a cidade passando pela transição de sua economia industrial para a baseada no conhecimento, grupos de cidadãos e líderes comunitários se uniram para criar o parque. Seu plano mestre estabelece a preservação histórica, além de atividades recreativas universalmente acessíveis, criando um parque urbano auto sustentável que não depende do governo. Mesmo incompleto, o parque promove melhorias como a valorização de propriedades, junto ao aumento de atividades e integração com os espaços verdes (figura 20).

Figura 20 - Vista aérea do parque.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC, 2019.

Composição Geral e Traçado Urbano

O traçado do parque (figura 21) é natural, marcado pela topografia local, definindo assim os espaços do parque, que se integram às linhas da mina, trazendo a recreação junto à indústria passada. Inserido em uma área de vegetação natural densa, o elemento surpresa é algo constante ao longo das grandes trilhas do parque, oferecendo também diferentes espaços com abrigos para o sol. A naturalidade das texturas e materiais utilizados no parque é algo constante, seus passeios são em sua maioria de terra batida ou de cascalho, suas passarelas e mobiliários são de madeiras trazendo mais conforto e integração com a paisagem.

Figura 21 - Conexão do parque.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC, 2019.

Acessos e entradas

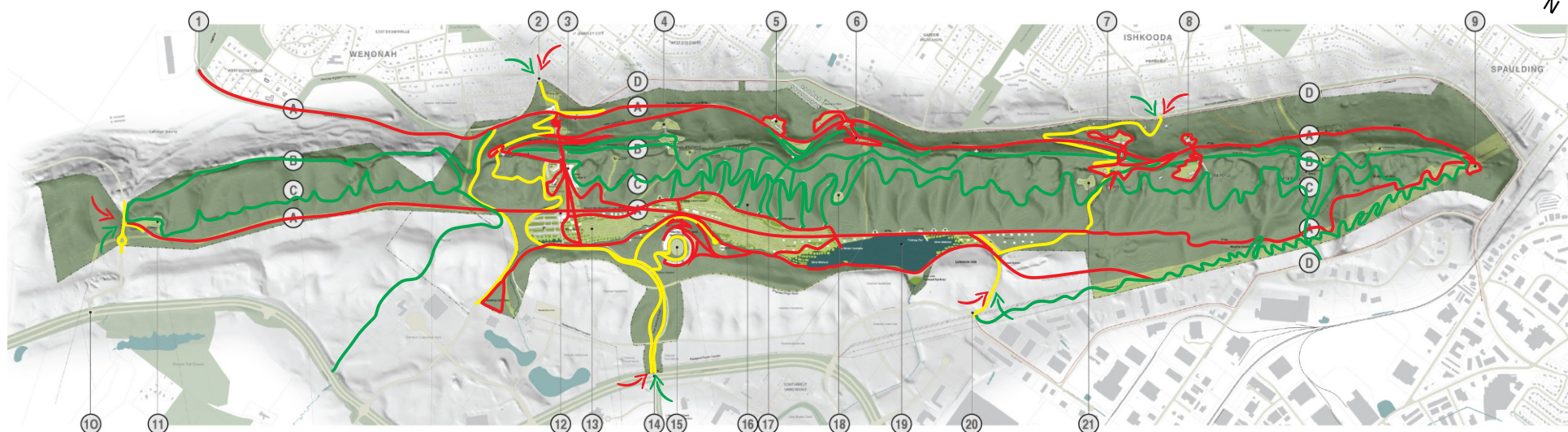
O projeto conta com diversos acessos se integrando bem à malha local (figura 23), com a circulação de veículos em boa parte dele, sendo que atualmente, o parque conta com apenas um único acesso (figura 22), não possuindo volume para sua marcação, estando discretamente sinalizado com uma placa, localizada na margem da rua Lyon Ln, contando com um pequeno estacionamento para carros.

Figura 22 - Acesso do parque.



Figura 23 - Acessos e circulação.

Fonte: Street View.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC. Editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

— Circulação de veículos — Circulação de pedestres e ciclistas — Acesso Pedestres/ Ciclistas — Acesso de veículos

Circulações

Os caminhos do parque criam diversas conexões com o entorno, os passeios internos não possuem demarcação, sendo compartilhados entre pedestres e ciclistas, a circulação de veículos no parque é proibida, sendo permitida somente para acesso ao estacionamento (figura 23). Os caminhos de traçado orgânico possuem larguras variáveis, suficiente para ser compartilhado entre pedestres e ciclistas. O parque oferece gratuitamente para pessoas com dificuldades de locomoção a cadeira nômade, facilitando a exploração do parque, porém não oferecem faixas acessíveis a deficientes visuais.

Inserção Urbana

Localizado a 10km do centro de Birmingham (figura 24), a intervenção trouxe para cidade a oportunidade de conhecer melhor a história da região, através de um grande espaço público, em uma área que se encontrava em desuso, possibilitando novas formas de integração com a natureza local, junto a atividades inclusivas e em grupos.

O parque faz a conexão entre duas comunidades distintas, unindo os afro-americanos com os grupos recém desenvolvidos do outro lado da montanha, trazendo uma nova identidade para o espaço que até então era símbolo de divisão e dos vestígios históricos da economia na região.

Figura 24 - Vista aérea de Birmingham.



Fonte: Google Maps. Editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

■ Centro ■ Parque público

Vegetação e materiais

A preservação dos recursos naturais do parque foram essenciais, após décadas de mineração se encontrava na área o excesso de lixo e plantas invasoras, sendo feita a remoção destes elementos, inserindo a vegetação nativa no local. O tratamento das superfícies com acabamentos naturais trazem o aspecto de área conservada (figura 26).

A ênfase dada à paisagem se mostra nos elementos de composição do parque, com tratamento de superfícies naturais recorrente, os caminhos passam a sensação de espaço natural intocado, os mobiliários e passeios de madeira ficam discretos em meio à natureza, trazendo uma harmonia ao conjunto elaborado (figura 25). Os diferentes tipos de vegetação do parque incluem vegetação caduca, proporcionando assim abrigo e passagem do sol em diferentes estações.

Figura 25 - Mobiliário em madeira.



Fonte: redmountainpark.

Figura 26 - Trilhas.

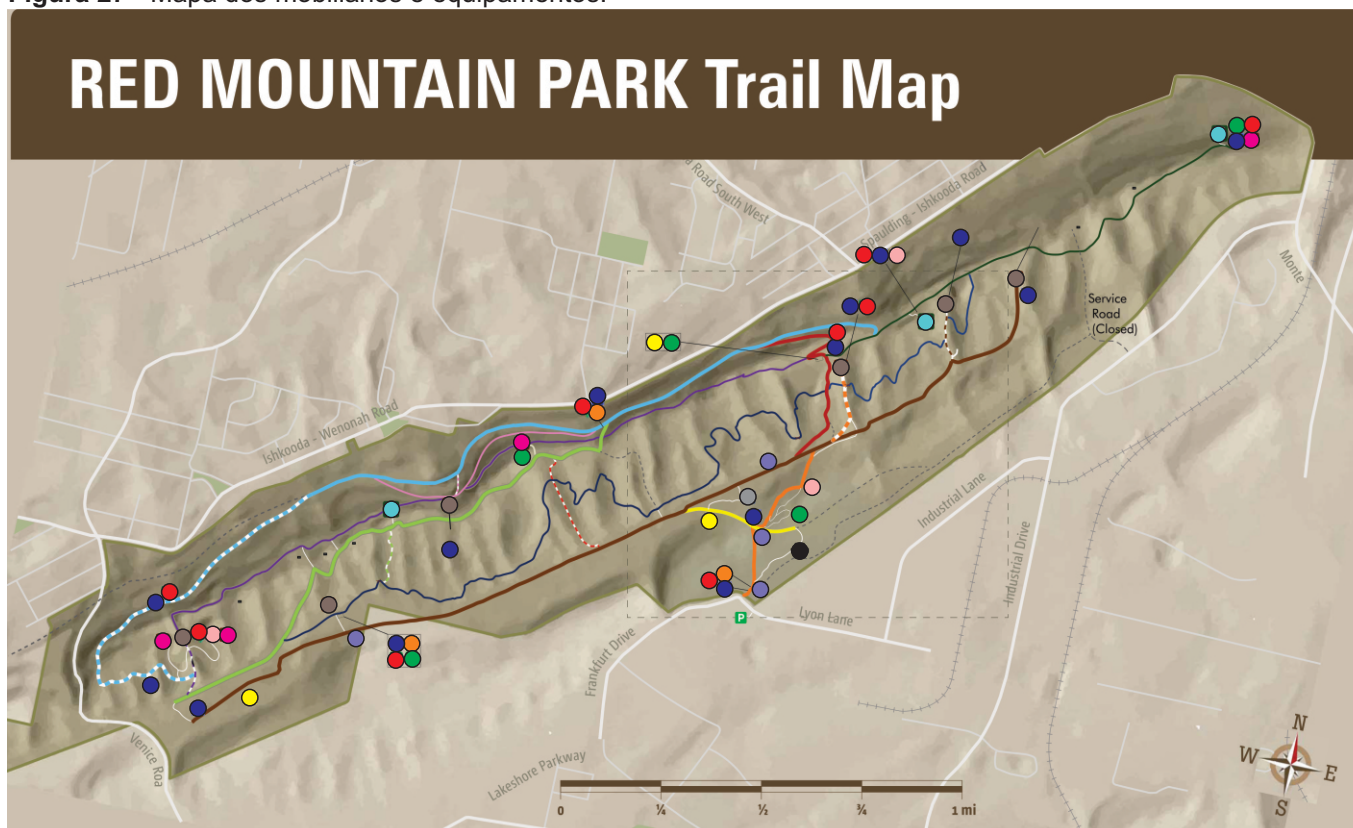


Fonte: redmountainpark.

Equipamentos e mobiliários

Os mobiliários do parque estão bem distribuídos (figura 27), em sua maioria são de madeira, com a existência de alguns metálicos. Todas as áreas possuem atrativos para manter o movimento no local e existem diversas placas com mapa e informações. O parque não conta com iluminação artificial, o que impossibilita seu uso noturno.

Figura 27 - Mapa dos mobiliários e equipamentos.



Fonte: Red Mountain Park. Editado pelo autor, 2019.

O parque oferece gratuitamente aos visitantes a cadeira Nomad (figura 28), facilitando o deslocamento de pessoas com dificuldade de locomoção, a falta de piso tátil no parque acaba não o tornando integralmente acessível. O parque concede aulas de educação ao ar livre, com visitas de campo abordando elementos históricos da mineração local, junto ao habitat e vida selvagem do parque.

Figura 28 - Cadeira Nomad.



Fonte: Red Mountain Park.

LEGENDA:

- Reparo de bicicletas
- Área de rede
- Minas históricas
- Mapa / Informação
- Salas de aula ao ar livre
- Mesas de piquenique
- Banheiro portátil
- Paisagem cênica
- Histórias no aplicativo
- Casas na árvore
- Trilha sensorial
- Parque canino

Atualmente apenas uma parte do parque está concluída, nela se destacam atividades de aventura, que podem ser realizadas em grupo ou individualmente, como as tirolesas (figura 29) que oferecem uma visão diferente do parque. Há também pistas de obstáculos (figura 30), com desafios para todos os níveis.

Figura 29 - Tirolesa.



Fonte: Red Mountain Park.

Figura 30 - Pista de obstáculos.



Fonte: Red Mountain Park.

Criado especialmente para o parque, possuindo 20 metros de altura, as torres de aventuras (figura 31) oferecem diferentes pistas de escalada. O mega zip (figura 32) é uma tirolesa que pode ser usada individualmente ou em dupla, atingindo uma velocidade de 48km/h a 25 metros de altura, percorrendo 305 metros.

Figura 31 - Torre de escalada.



Fonte: Red Mountain Park.

Figura 32 - Mega zip.



Fonte: Red Mountain Park.

O *team building* (figura 33) traz elementos dinâmicos em equipes e aventura para grupos de diferentes tamanhos, oferecendo desafios, atividades e experiências valiosas ao ar livre. Todas as trilhas do parque (figura 34) estão abertas para bicicletas, oferecendo bicicletários e pontos para reparo.

Figura 33 - Team Building.



Fonte: Red Mountain Park.

Figura 34 - Trilhas.



Fonte: Red Mountain Park.

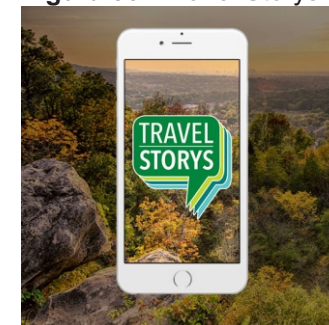
Outra trilha oferecida é a sensorial (figura 35) que foi projetada para pessoas com diferenças de desenvolvimento, tornando o parque mais inclusivo. O parque possui um aplicativo que conta histórias reais através de pessoas que viveram a vida da mineração de ferro, dispensando o uso de guias (figura 36).

Figura 35 - trilha sensorial.



Fonte: Red Mountain Park.

Figura 36 - Travel Storys.



Fonte: Red Mountain Park.

Segundo o site oficial do parque, o mesmo é reconhecido como um dos 10 grandes parques caninos pela Southern Living, o *Remy Dog Park* (figura 37) oferece 6 hectares com áreas abertas e sombreadas, contando com estações de resíduos e água potável para os animais de estimação.

Figura 37 - Remy Dog Park.



Fonte: Red Mountain Park.

De acordo com o projeto do Red Mountain Park, o parque vai muito além dos equipamentos e espaços disponíveis até agora, seu projeto prevê a criação de um lago, devido à falta de grandes massas d'água na região, possibilitando o aluguel de canoas e oferecendo espaços para piqueniques no local (figura 38). A marcação da localização, com o contexto histórico e temporal, estará disposta através de totens de ferro e discos de aço implantados no circuito da montanha (figura 39).

Figura 38 - Lago.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC.

Figura 39 - Totens e marcação.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC.

A criação do eixo central conectará os dois lados da montanha (figura 40), criando diferentes espaços de descanso, integrando-se à mina local. Outro ponto importante do projeto será a praça com três hectares (figura 41), com espaços para eventos e casamentos.

Figura 40 - Eixo central.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC.

Figura 41 - Praça.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC.

Outro ponto do projeto é o vale (figura 42) oferecendo o principal espaço para as funções recreativas, com palco coberto, trazendo uma maior imersão ao parque. O grande mirante projetado para o parque (figura 43) permite visualizar os bairros ao norte, junto aos fornos de minérios, inserindo uma ampla vista para a cidade de Birmingham.

Figura 42 - Vale.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC.

Figura 43 - Mirante.



Fonte: Wallace Roberts & Todd, LLC.

3.3 Parque Natural Municipal do Morro da Cruz - Estudo de Caso

A educação ambiental, junto ao equilíbrio entre biodiversidade da Mata Atlântica e área urbanizada, é um dos principais objetivos do parque (figura 44). Inserido em uma área de Mata Atlântica em estado de regeneração, com cerca de 1,3 quilômetros quadrados, resulta de uma contrapartida para os impactos do (PAC) Plano de Aceleração ao Crescimento, sendo a mais nova unidade de conservação da (Floram) Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis, inserida no meio urbano da cidade.

Localizado no Morro da Cruz, Florianópolis - SC, o parque oferece espaços de lazer em meio à natureza, além de trilhas ecológicas, mirantes, espaços para contemplação e recreação, integração entre a comunidade, incluindo serviços de educação ambiental para grupos e escolas.

Figura 44 - Croqui do parque.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2019.

Composição Geral e Traçado Urbano

O traçado do parque levemente sinuoso possibilitou melhor sua inserção no morro, suas leves curvas em conjunto com o jogo de massas, em específico a de vegetação, criam um elemento surpresa (figura 45).

Em geral as massas de vegetação se sobressaem acerca das construções, que são bem pontuais. As texturas das edificações e dos mobiliários utilizam materiais naturais, criando um conjunto com uma linguagem específica, adotando a mesma linguagem em todas edificações do parque (figura 46).

Figura 45 - Parque infantil.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 46 - Edificação local.



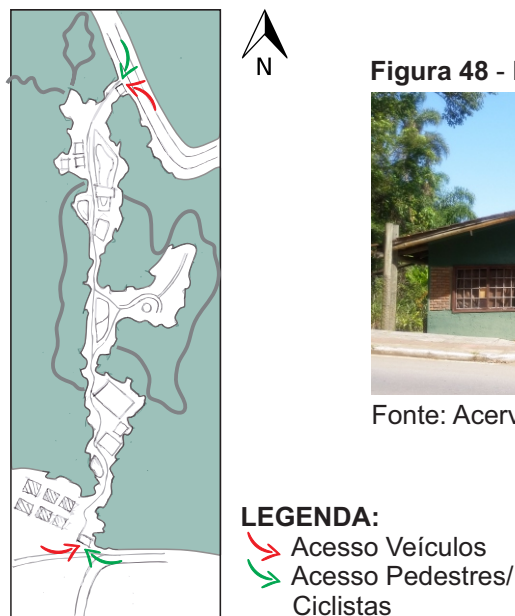
Fonte: Acervo próprio, 2019.

Acessos e entradas

Localizado no Morro da Cruz, os acessos ao parque estão dispostos por dois portais de identificação, estando um em frente ao Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne e o outro na Avenida do Antão (figura 48). O parque conta com estacionamento para até 50 veículos, além de uma parada para ônibus no seu acesso norte, contando com a passagem da linha de transporte público em frente aos seus dois acessos.

O impacto visual do parque é praticamente inexistente, estando o mesmo discretamente inserido em meio às residências locais e à vegetação (figura 47).

Figura 47 - Acessos do Parque.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 48 - Portal de acesso.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Circulações

O eixo de circulação central do parque fica bem marcado na sua implantação (figura 49), os caminhos possuem diferentes materiais, sendo o principal com uma dimensão maior (figura 50). Com tipologia única, o parque não distingue vias específicas para bicicletas ou pedestres. A acessibilidade fica restrita a certas deficiências, visto que o mesmo não dispõe de piso tátil e rampas de acesso em todos os ambientes.

A circulação de veículos no parque é permitida apenas no estacionamento, o parque não possui bicicletários para incentivar a vinda dos visitantes com transporte alternativo.

Figura 49 - Implantação com circulações.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2019.

Figura 50 - Eixo principal.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Inserção Urbana

Localizado no Morro da Cruz em Florianópolis (figura 51), próximo ao centro da cidade, trata-se de um espaço de suma importância para preservação do patrimônio natural de Florianópolis, cercado por uma área bem consolidada, o espaço atua como ponto de equilíbrio entre a área urbana e natural da cidade. Tendo grande potencial para a valorização ambiental, o parque também proporciona novas atividades e espaços de lazer para região.

De acordo com a análise feita pelo Google Maps, trata-se de uma área próxima ao centro da cidade e a periferia da mesma, trazendo assim um espaço que se integra com as diferentes classes sociais, proporcionando novas atividades, tanto aos visitantes como moradores das comunidades vizinhas.

Figura 51 - Vista aérea de Florianópolis.



LEGENDA:
 Baía Norte
 Centro de Florianópolis
 Parque Maciço do Morro da Cruz

Fonte: Google Maps. Editado pelo autor, 2019.

Vegetação e materiais

Inserido em uma área com vegetação densa, possuindo árvores nativas da Mata Atlântica, a composição do parque é discreta, seu tratamento utiliza materiais naturais simples, com uso da madeira, criando um espaço dominado pela paisagem local, trazendo a sensação de acolhimento e interação com a natureza (figura 52).

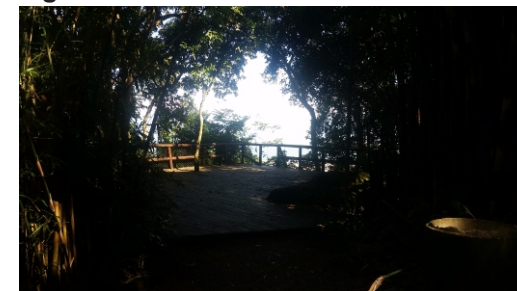
Sua mata densa, além de proporcionar abrigo ao visitantes, também cria um elemento surpresa, instigando a exploração do parque (figura 53), proporcionando também belos pontos de contemplação da cidade junto ao Morro da Cruz.

Figura 52 - Natureza local.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 53 - Vista do mirante.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Equipamentos e mobiliários

Integrados ao ambiente natural do local, os equipamentos e mobiliários estão bem distribuídos ao longo do parque (figura 56), em sua maioria são feitos de madeira, conferindo maior conforto ao usuário. O parque oferece diferentes funções, possuindo mesas para piquenique em vários ambientes, espaços sombreados, destinados ao descanso e contemplação (figura 54), além de um auditório onde são dadas aulas de dança, luta e educação ambiental. Trilhas e mirantes são um destaque possibilitando uma maior interação com a natureza (figura 55), além de quadras poliesportivas e aparelhos de ginástica para prática de esportes, junto aos playgrounds para as crianças.

Figura 54 - Espaço de contemplação.



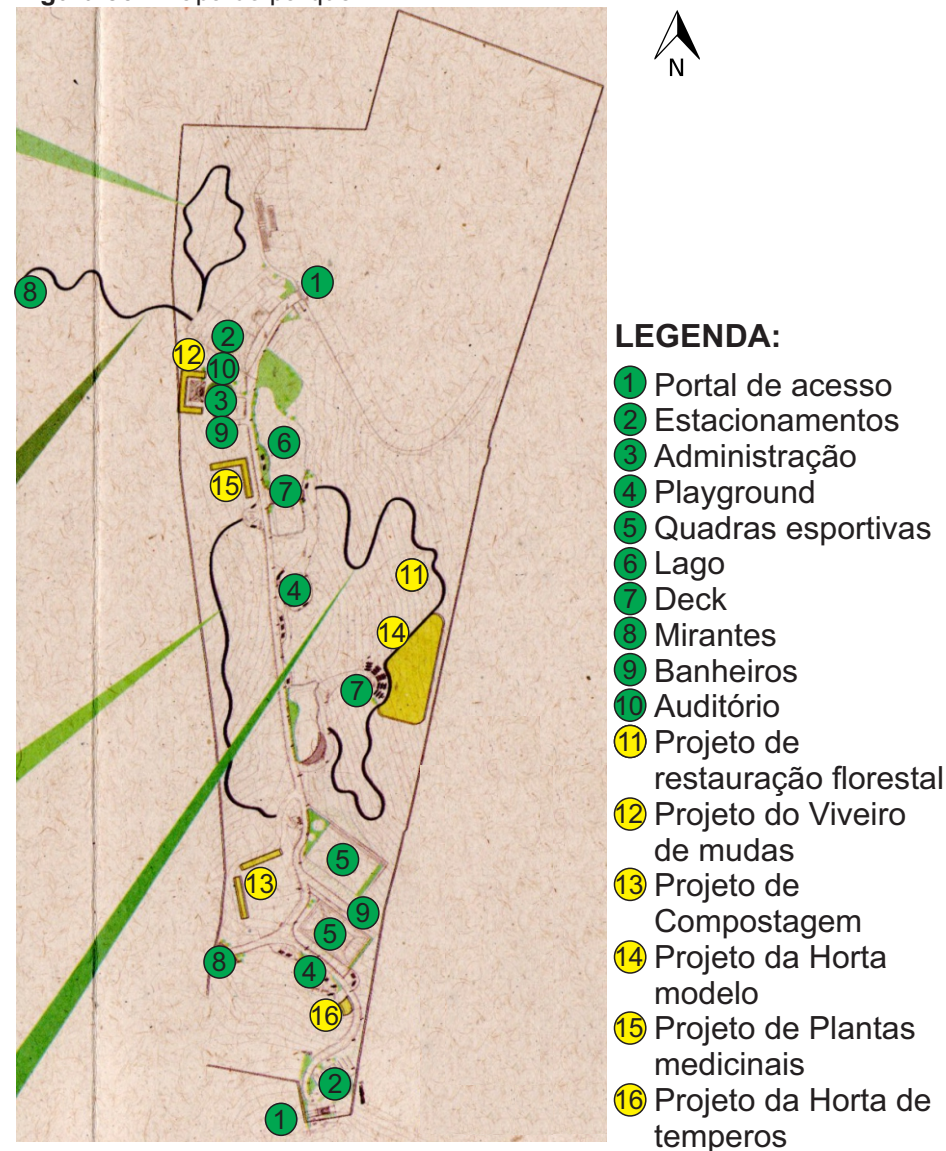
Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 55 - Trilhas.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 56 - Mapa do parque.



Fonte: Panfleto do Parque. Editado pelo Autor, 2019.

OBS: Itens em amarelo representam as áreas do projeto que não ainda não foram feitas.

Destinados a explorar a beleza cênica da paisagem local, os mirantes e a passarela sobre o lago oferecem também áreas sombreadas para descanso e contemplação (figura 57).

Figura 57 - Mirante e passarela do lago.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Quadras poliesportivas oferecem uma ampla variedade de atividades esportivas aos visitantes, sendo uma das duas quadras em areia, com ambas possuindo áreas sombreadas assim como os playgrounds, oferecendo assim espaços mais agradáveis para as atividades realizadas no local (figura 58).

Figura 58 - Quadras poliesportivas e playgrounds.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Conforme as informações do parque, o mesmo possui um total de quatro trilhas, oferecendo diferentes níveis de desafio, a paisagem é uma das recompensas assim como nos caminhos do parque (figura x).

A trilha da Pedra dos Gaviões, com 140 metros, proporciona observar o processo de regeneração da mata e dá acesso ao mirante com vista para o centro e as baías, enquanto a trilha da Rendeira com 180 metros, conta com a presença da ave rendeira, geralmente avistada no córrego local. A trilha João Cavaleiro, com 250 metros, foi nomeada em homenagem ao curador local, que viveu 113 anos, por fim a trilha dos Caboatás com 280 metros, possui árvores pioneiras para a recuperação de áreas degradadas, pois suas flores atraem muitos insetos e seus frutos são muito procurados por pássaros.

Figura 59 - Trilhas e passeios.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

O auditório é um espaço multi disciplinar que permite a prática de diferentes tipos de atividades para os visitantes, desde aulas de educação ambiental, dança e luta (figura 60).

Figura 60 - Auditório.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Permitindo a prática de alguns exercícios físicos, a academia ao ar livre (figura 61), oferece um local com abrigo para o sol e segue a linguagem do parque utilizando materiais em sua forma mais natural.

Figura 61 - Academia ao ar livre.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Os mobiliários locais seguem uma linguagem mais natural, com uso predominante da madeira, nas trilhas são utilizados troncos de madeira como bancos, enquanto nos demais espaços são utilizados bancos em concreto com madeira (figura 62).

Figura 62 - Bancos.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

As lixeiras do parque, embora bem distribuídas, não seguem um padrão, em certos pontos são lixeiras seletivas em outros não. A maioria das lixeiras são de tubos de concreto (figura 63), contando com algumas de plástico.

Figura 63 - Lixeiras.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

As placas de sinalização do parque estão presente em todos os ambientes, facilitando a localização e deslocamento dos visitantes (figura 64). Há também placas informativas sobre aspectos da fauna e flora do parque em questão (figura 65), expondo conhecimento da importância do parque na preservação

Figura 64 - Placas sinalizadoras. **Figura 65** - Placas informativas.



Fonte: Acervo próprio, 2019.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

O parque conta com dois pontos com banheiros bem localizados, sendo o suficiente para atender a demanda dos visitantes (figura 66).

Seguindo a mesma linguagem das outras edificações do parque, a administração, o pátio de acesso e banheiros são construções de tijolos à vista, com estrutura em madeira, tornando-os condizentes com o entorno inserido, trazendo um baixo impacto visual, junto a uma boa relação com a escala humana (figura 67).

Figura 66 - Banheiro.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 67 - Administração.

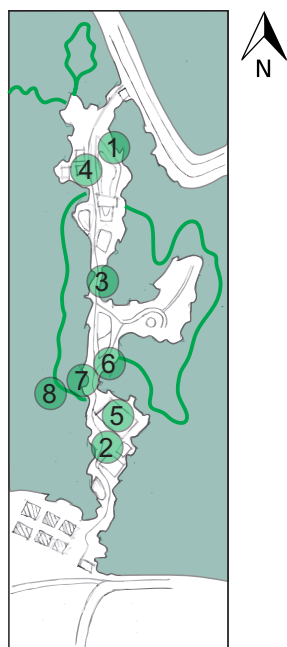


Fonte: Acervo próprio, 2019.

Walkthrough

O walkthrough consiste em uma análise do ambiente, mostrando suas qualidades e deficiências, identificando os itens e fatores que podem ser melhorados para atender a população. Este método foi realizado em todos os ambientes do parque, contando com um levantamento fotográfico para melhor entendimento (figura 68 ; 69).

Figura 68 - Walckthrough.



Muitos passeios do parque não possuem uma marcação clara, deixando dúvidas sobre onde é permitido circular.



Descontinuidades nos caminhos dificultam a locomoção, podendo causar acidentes.



A maior parte do mobiliário se encontra em péssimas condições, com iluminações roubadas e depredadas.



As quadras esportivas, playgrounds e academia ao ar livre atendem a demanda, mas estão depredados.



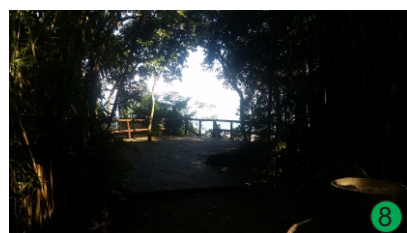
Há muitos espaços no parque que oferecem abrigos para o sol.



Embora haja bastante mobiliário, como bancos, mesas e lixeiras, o parque possui só um bebedouro.

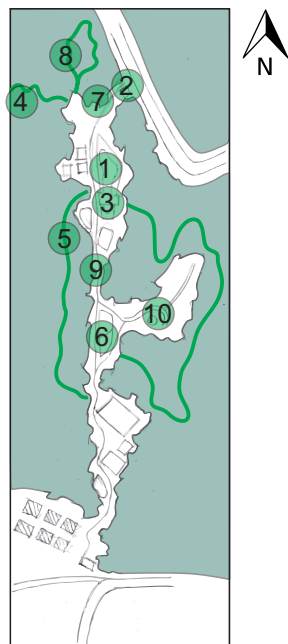


Áreas que não possuem caminhos marcados e acabam prejudicando o acesso a certos mobiliários.



O mirante ao sul é um ambiente muito belo, mas carece de bancos no local, para maior permanência.

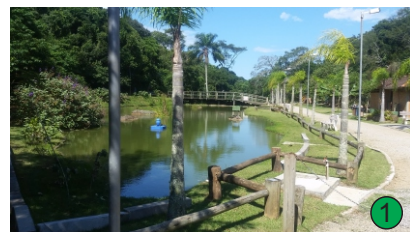
Figura 69 - Walkthrough.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2019.



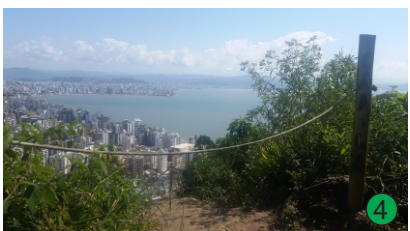
Falta de bancos no deck do rio fazem os visitantes não permanecerem no local.



O espaço do lago é uma bela paisagem, que poderia ser melhor aproveitada, com alguma atividade ou mais mobiliários no seu entorno.



Falta de inclusão com deficientes visuais dentro do parque.



O guarda corpo do mirante não cobre todo seu espaço e possui uma altura baixa, criando risco aos usuários.



As trilhas são os espaços que aproximam ainda mais o usuário com a natureza local.



O antigo lago artificial encontra-se atualmente vazio, devido a falta de manutenção do parque.



Localizados nos 2 acessos, os estacionamentos oferecem espaços sombreados aos veículos.



A falta de encosto nos bancos das trilhas e mirantes os tornam menos confortáveis.



Todos os espaços do parque estão bem indicados.



Bancos pouco confortáveis próximo ao mirante.

Entrevista com os funcionários do parque

Durante a visita ao Parque Natural Municipal do Morro da Cruz, foi aplicada uma entrevista com os funcionários, com perguntas simples, mas que ajudassem a compreender as funcionalidades e utilização do parque, proporcionando melhor entendimento do ambiente em questão.

Na entrevista com o funcionário Ricardo Queiroz de Oliveira, disponível no apêndice, aplicaram-se perguntas relacionadas ao número de pessoas que frequentam o parque, os dias, horários e espaços mais utilizados, bem como o que pode ser melhorado.

A média de pessoas que utilizam o lugar, segundo o respondente, é de 50 pessoas por mês, ele e outros funcionários atribuem esse número baixo de visitas à localização do parque às margens das comunidades, o que acaba trazendo sensação de insegurança às pessoas do centro que não visitam o parque devido ao seu local.

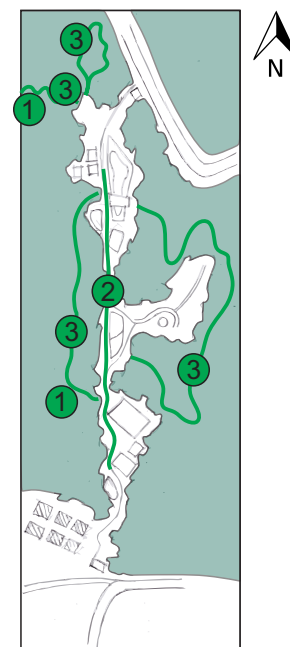
O parque é mais visitado durante finais de semana no período da tarde, seus espaços mais utilizados são as quadras esportivas, seu auditório, além dos mirantes que são o maior atrativo do parque.

Aspectos como a baixa divulgação do parque e da realidade de seu entorno, que não se trata uma área perigosa, deveriam ser mais veiculados, segundo os funcionários, pois é um dos principais motivos da falta de pessoas no local, eles também vêem a necessidade de mais projetos públicos ligados a atividades

Mapeamento comportamental

O mapeamento comportamental (figura 70) trata-se de uma análise de como as pessoas utilizam os espaços do parque, mostrando o horário, dia e o quê as pessoas utilizaram o local. Esta análise foi aplicada no Parque Natural Municipal do Morro da Cruz no domingo, dia 14/04/2019, dentre às 9:00 da manhã às 13:00 da tarde, mostrando a falta de movimento no parque, com apenas 5 visitantes no local durante esse período, em pleno final de semana.

Figura 70 - Mapa comportamental.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2019.

Os visitantes permaneceram por mais tempo nos mirantes, com uma média de 2 pessoas em cada, outro ponto que ficaram por bastante tempo foram nas mesas de piquenique, conversando na sombra. Todos estavam passeando pelas trilhas e caminhos do parque, apreciando as paisagens e parando em alguns pontos com bancos. Não havia crianças no playground nem adultos nas quadras e academia ao ar livre.

LEGENDA:

- ① Mirantes
- ② Passeio Principal
- ③ Trilhas

3.4 Considerações para este TCC

As análises dos referenciais projetuais e estudo de caso, proporcionaram a compreensão das características essenciais para elaboração da proposta no local em estudo, bem como os benefícios que estes projetos podem causar no contexto urbano em que são inseridos (figura 71).

Figura 70 - Considerações sobre os referenciais.

Parque Orla do Guaíba RS - BR

Seu projeto proporciona para população a apropriação e contemplação do patrimônio natural local, trazendo uma regeneração urbana e ambiental para uma área degradada, oferecendo diversas atividades, mostrando de forma positiva que ambientes naturais não precisam ser intocáveis. O traçado do parque junto a sua adequação aos condicionantes físicos do terreno, criam um ambiente harmônico entre a arquitetura e paisagem, algo buscado na proposta a ser elaborada para o TCC.

Red Mountain Park AL - EUA

Com foco na recreação ativa o parque oferece diversas atividades de aventura integradas à natureza, valorizando também os aspectos históricos da área, preservando marcos da mineração e restaurando o ambiente local degradado. Contando com ambientes inclusivos, como a trilha sensorial, além de espaços para pets, o parque oferece espaços e mobiliários de qualidade, se

tornando um ponto de encontro para atividades de aventura, cultura e lazer, sendo estas características adotadas na proposta da intervenção.

Estudo de caso Parque Natural Municipal do Morro da Cruz SC - BR

O estudo de caso do Parque Municipal do Morro da Cruz se deu pela semelhança física do local onde o projeto está inserido, tratando-se de uma área de extrema importância para preservação dos recursos naturais e paisagísticos da região. Transparecendo a importância da preservação do meio ambiente através de seus espaços projetados, aproximando a população com a fauna e flora local, promovendo assim a cultura e preservação ambiental.

A forte relação do projeto com a natureza local, respeitando a área de inserção, tendo baixo impacto na sua implantação, proporcionando um espaço público de qualidade, com benefícios para a preservação ambiental e cultura local, são características a serem adotadas na proposta.

A scenic view of Praia do Rosa, showing a sandy beach, waves, and a lagoon. The image is framed by green foliage in the foreground and top right.

4. *Análise da Área*

Com a análise da área central da Praia do Rosa, buscou-se apresentar as características morfológicas da área em estudo, entendendo o contexto urbano local, junto com suas características e condicionantes, proporcionando um melhor entendimento para a elaboração das diretrizes projetuais.

4.1 Dimensão Funcional

4.4 Dimensão Topoceptiva

4.7 Dimensão Estética

4.2 Dimensão Simbólica

4.5 Dimensão Econômica

4.8 Dimensão Afetiva

4.3 Dimensão Bioclimática

4.6 Dimensão Co-presencial

4.9 Síntese do Diagnóstico

4.1 Dimensão Funcional

A área de estudo é muito importante para a cidade por envolver uma das 30 baías mais belas do mundo segundo matéria do G1 (2013). Possuindo atrativos tanto no verão com as praias como no inverno com as passagens das baleias-francas entre os meses de julho e novembro, atrai grande número de visitantes, distribuindo renda para região. Seu sistema viário, assim como a infraestrutura local, não suporta o grande número de visitantes, agravando os conflitos e deficiências do sistema viário, contando também com algumas quedas de energia e falta de água quando a praia está muito movimentada. Embora conte com belas praias, o local necessita de mais espaços e mobiliários urbanos, oferecendo mais opções para lazer, tanto para moradores como turistas que visitam a região.

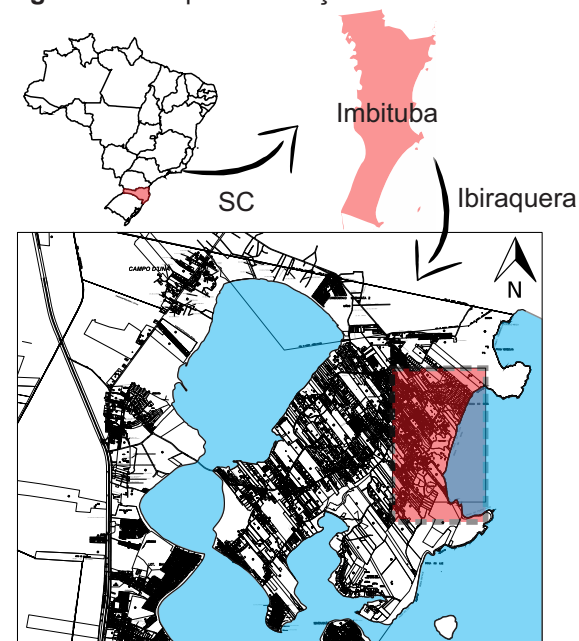
4.1.1 Inserção da área na estrutura da cidade

A área de estudo (figura 71) teve um desenvolvimento maior devido às suas belezas naturais, presença da Baleia Franca e gastronomia local, que potencializou o aspecto turístico da região. É uma área que apresenta uma maior finalidade para o turismo sustentável, gerando um fluxo intenso de carros e pedestres durante o dia e a noite, atraindo pessoas de diversas regiões, distribuindo renda local, além de possuir um entorno ocupado por casas, pousadas e comércios.

4.1.2 Análise espacial da área

Inserida num entorno de belas paisagens naturais a área de estudo possui o acesso principal pela SC-434, o mesmo de Garopaba. O espaço urbano central do município de Garopaba fica mais próximo de Ibiraquera que Imbituba, fazendo com que os moradores da região se desloquem ao centro do município vizinho para realizar seus afazeres, o mesmo acontece com os turistas que ficam mais concentrados na região de Ibiraquera e Garopaba.

Figura 71 - Mapa de inserção da área.



Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

Área de intervenção

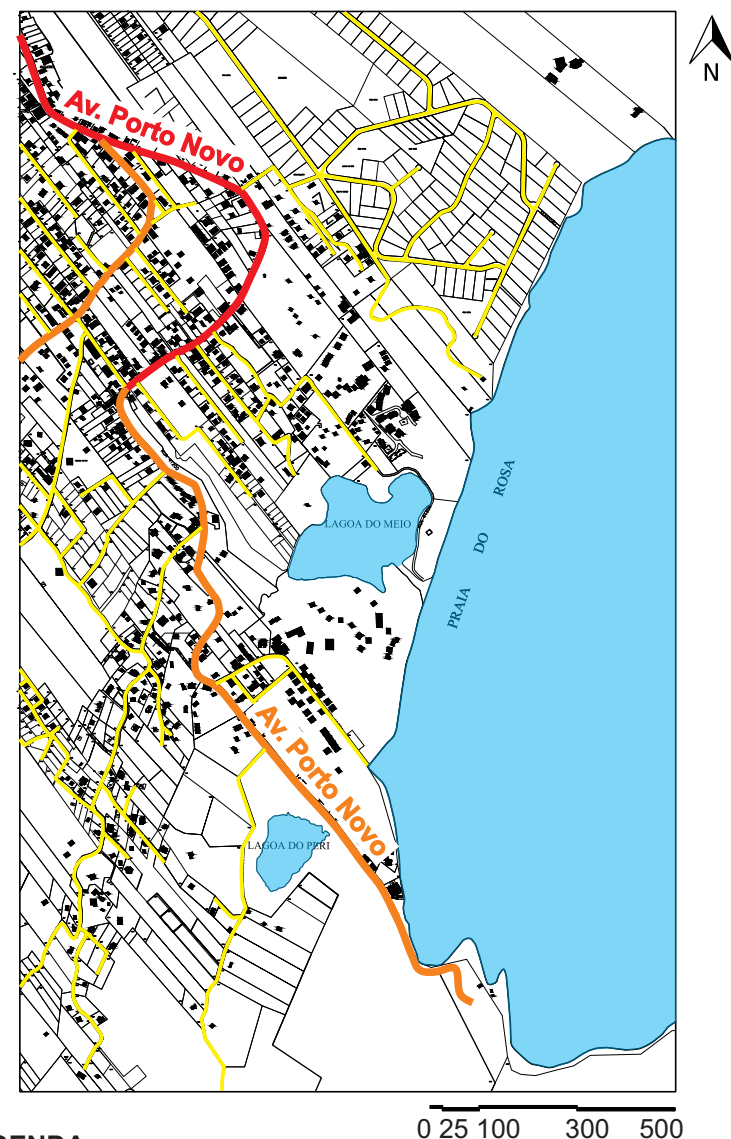
4.1.3 Sistema viário

A Avenida Porto Novo principal acesso à Praia do Rosa (figura 72), possui o maior movimento local, durante a alta temporada com os turistas na região seu fluxo de veículos excede sua capacidade causando engarrafamentos e diversos conflitos. Embora muito importante, a Avenida Porto Novo possui vários pontos com calçadas de dimensões inadequadas, em certos trechos não há calçadas para pedestres aumentando o risco de acidentes com os veículos que transitam na região.

As vias arteriais possuem pavimentação em paralelepípedo, sendo que a estrada de acesso ao Rosa Sul conta com trechos em estrada de terra batida, ficando evidente a falta de manutenção e sinalização da área. A maioria das vias locais não possuem calçadas, contando com áreas que só passam um veículo por vez, sendo pavimentadas com pedras e entulhos.

O fluxo local mais intenso está concentrado na Avenida Porto Novo (figura 73) que dá acesso à Praia do Rosa, onde se misturam veículos e pedestres, devido à falta de calçadas e a preferência de veículos como forma de transporte das pessoas que se hospedam em locais mais distantes da praia, causando não só lentidão no trânsito local como o risco de acidentes. Este problema fica ainda mais visível em alta temporada onde a prefeitura local muda a sinalização do trânsito tentando amenizar de forma temporária o problema. A desvalorização do pedestre, com a falta de calçadas os obrigam a dividirem espaço com os carros causando ainda mais conflitos para o local (figura 74).

Figura 72 - Mapa com o sistema viário.

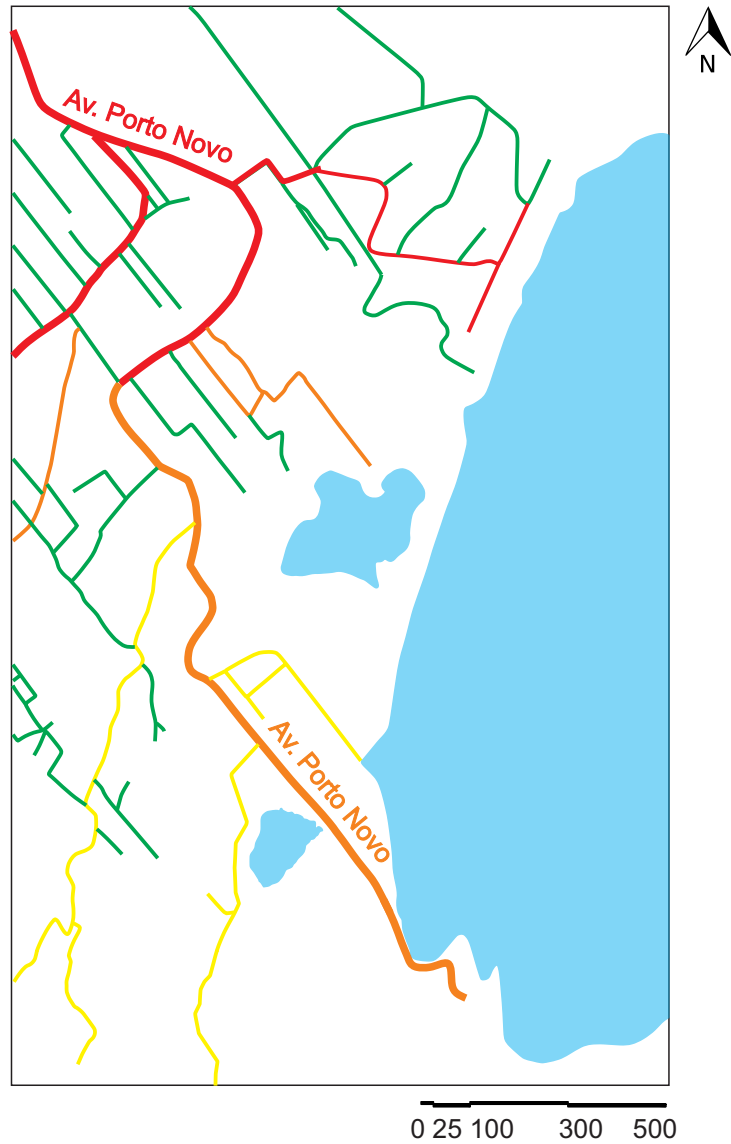


LEGENDA:

■ Via Arterial ■ Via Coletora ■ Via Local

Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

Figura 73 - Mapa do fluxo local.

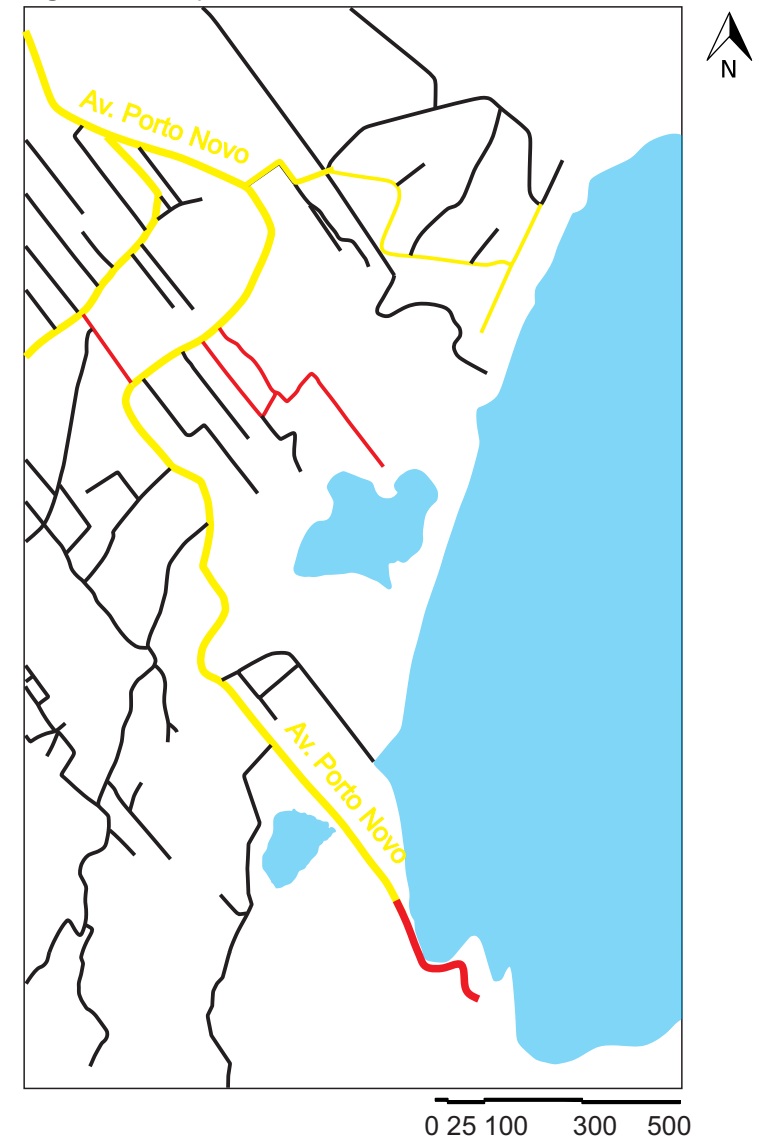


Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

Intensidade do fluxo + ■ ■ ■ ■ -

Figura 74 - Mapa do conflito local.



Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

● Veículo x Pedestre / Veículo x Veículo ● Veículo x Pedestre

4.1.4 Equipamentos urbanos

Dentro do bairro em estudo se encontram equipamentos urbanos como escolas, igrejas, creches, posto policial, rodoviária, correios e o conselho comunitário, que por estarem próximos ao entorno da área acabam atendendo a demanda da região (figura 75).

Embora o local esteja bem atendido pelos equipamentos urbanos, o mesmo não pode ser dito dos mobiliários urbanos, que são praticamente inexistentes, não há lixeiras, bancos e telefones públicos, existindo apenas um ponto de ônibus, sendo que o mesmo não possui abrigo para os passageiros, desestimulando assim o uso do transporte público.

Figura 75 - Mapa dos equipamentos urbanos.



Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

- | | | | |
|---------------------|------------------------|-----------------------|--------------------|
| ● Escola Particular | ● Escola Pública | ● Igreja | ● Posto de saúde |
| ● Creche | ● Posto policial | ● Praça | ● Term. Rodoviário |
| ● Correio | ● Conselho Comunitário | □ Área de intervenção | |

4.1.5 Análise do plano diretor

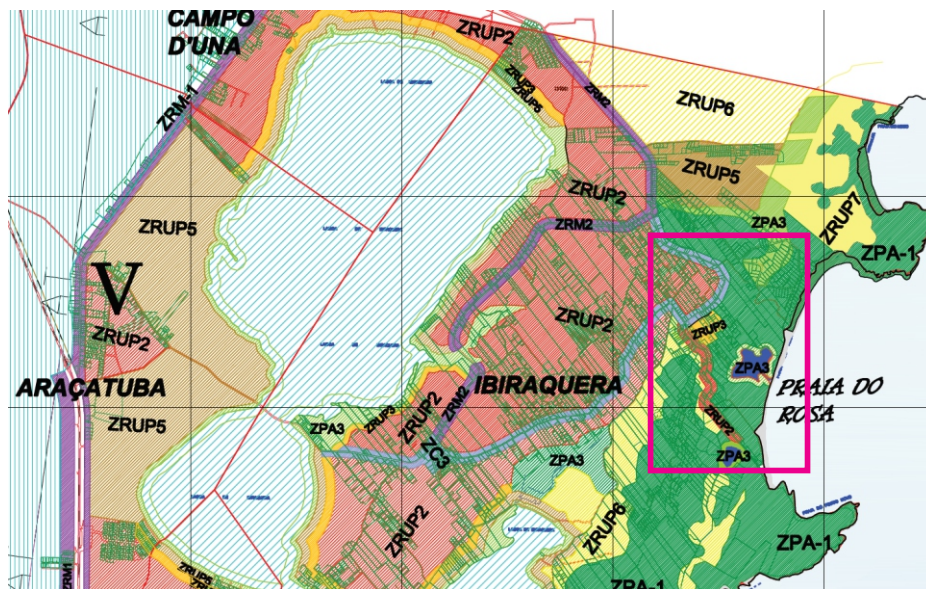
O plano diretor divide Imbituba em cinco regiões de planejamento, a sul, sudeste, leste, oeste e norte. A região norte engloba os bairros Ibiraquera, Barra de Ibiraquera, Araçatuba, Campo D'Una, Alto Arroio, Arroio do Rosa e Penha. Dentro do bairro Ibiraquera, na área em estudo, encontram-se as seguintes zonas (Figura 76) ZPA's que são áreas de preservação, e estão na maior parte da área de intervenção, a ZC3 (zona central) que fica na Avenida Porto Novo, as ZRUP's que ficam a sua margem perto do "centrinho do rosa" e em parte da Avenida Porto Novo que leva à praia.

A zona de preservação ambiental **ZPA-1** representa a maior parte da área, localizada nos morros estremando com o mar, sua taxa de ocupação é de 0.15, coeficiente de aproveitamento de 0.25 e lote de no mínimo 1.000m². Já a **ZPA3** é uma área não edificável, porem representa uma área mínima, presente apenas nas lagoas.

As zonas residenciais ficam localizadas próximas ao Centrinho do Rosa, sendo a **ZRUP2** com taxa de ocupação de 0.40, coeficiente de aproveitamento de 0.8 e área mínima de 450m², a **ZRUP3** com taxa de ocupação de 0.40, coeficiente de aproveitamento de 0.8, com área mínima de 600m² e a **ZRUP6** possuindo taxa de ocupação de 0.15, coeficiente de aproveitamento de 0.25, com área mínima de 1.000m².

A área central fica localizada no Centrinho, a **ZC3** que encontra-se possui taxa de ocupação de 0.40, coeficiente de aproveitamento de 0.80, com área mínima de 450m².

Figura 76 - Plano regulador e de uso do solo.



Fonte: Prefeitura de Imbituba. Editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

ZRUP3 - Zona Residencial Uni e Pluri Familiar.

ZRUP2 - Zona Residencial Uni e Pluri Familiar.

ZRUP6 - Zona Residencial Uni e Pluri Familiar.

ZPA3 - Zona de Proteção Ambiental (costas de lagoas e banhados)

ZPA-1 - Zona de Proteção Ambiental (morros)

ZC3 - Zona Centro.

Ao analisar o Plano Diretor (figura 76) percebe-se que mesmo se tratando de uma área litorânea com remanescentes de Floresta Tropical Atlântica, grande parte da área é edificável, embora se tenha requisitos mais restritos, como lotes maiores e taxas de aproveitamento menores, a ocupação vista no local parece não coincidir com o estipulado pelo Plano Diretor. São poucas as áreas não edificáveis encontradas na área de estudo, representando menos de 25% da área.

4.2 Dimensão Simbólica

Com diversos segmentos históricos presentes na área em estudo, contendo ranchos de pesca (figura 77), que preservam hábitos e técnicas adquiridas desde a colonização açoriana, junto aos engenhos de farinha que representam o sincretismo entre indígenas e açorianos, reforçam o grande potencial para uso e preservação da cultura local. A paisagem natural que potencializa o turismo, sofre com o crescimento desenfreado, necessitando de atenção para preservação da fauna e flora local.

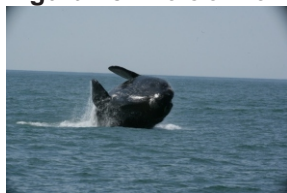
O histórico apresentado baseou-se em conversas com moradores antigos da região, pesquisa na prefeitura local e no livro *A presença da baleia no sul de Almir Martins*.

Segundo Martins (1998), a colonização de Imbituba deve muito à presença das baleias no litoral Catarinense (figura 78), vítimas da Quarta Armação de Baleias de Imbituba, supriam a iluminação pública com o óleo dos cetáceos e exportavam suas barbatanas para industrialização na Inglaterra. Sendo, em 1973, o marco do fim de sua caça e data da última baleia morta.

No ano de 1998, não mais se fala em baleia morta, e sim da preservação da Baleia. O município de Imbituba de matadouro de baleias, passa a ser um “berçário de baleias”, inclusive dedicado no mês de setembro de cada ano, uma semana de homenagem às baleias, a “Semana da Baleia Franca”, oportunidade em que são observadas, protegidas e estudadas em toda Região Sul, quando para cá migram. (MARTINS 1998, p.21)

Figura 77 - Porto, Rosa Sul.

Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 78 - Baleia Franca.

Fonte: Portal de turismo de Imbituba, 2019.

Os primeiros moradores da área em estudo vieram de famílias simples que proviam seu sustento da pesca e agricultura. Os engenhos de farinha e ranchos de pesca (figura 79) eram a principal fonte de renda para os moradores locais, que realizavam seu trabalho com a família inteira, com o passar do tempo esse tipo de renda começou a entrar em extinção, restando poucos exemplares dessas obras que fazem parte da história local.

Com o início da exploração de seu potencial turístico, as belas paisagens, ondas da região e a visita da Baleia Franca, tomaram-se o destaque, sendo o turismo a principal fonte de renda local, assim os engenhos e ranchos passaram a ser obsoletos economicamente, sendo mantidos em atividade apenas por familiares que tem afeto pela sua história.

Para relatar a história do município de Imbituba foi elaborado uma breve linha do tempo (figura 80), contando os principais acontecimentos de forma resumida.

Figura 79 - Rancho de Pesca e Engenho de farinha local.

Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 80 - Linha do tempo do Município.

- 1534 Com as terras brasileiras sendo divididas em capitanias, surgiu a Capitania de Santana, atual cidade de Imbituba.
- 1622 Marca a chegada dos padres Antônio Araújo e Pedro Mota com objetivo de catequizar os índios Carijós, abandonando o objetivo em 2 anos.
- 1675 As famílias vindas de Laguna se instalam em Vila Nova, trazendo consigo um pequeno número de escravos.
- 1715 Chegada do Capitão Manoel Gonçalves de Aguiar, pelo governo do Rio de Janeiro, na busca por terras promissoras ao setor pesqueiro, inicia o povoamento da cidade.
- 1720 Chegada de uma expedição de imigrantes portugueses, procedentes das ilhas dos Açores e da Madeira. Sendo que muitos eram obrigados ou iludidos a virem para o Brasil.
- 1749 O rei Dom João V autoriza a vinda de novas famílias de Portugal, marcando assim a chegada dos imigrantes açorianos.
- 1796 Fundação da armação em Imbituba, a quarta do Brasil, por Pedro Quintela e João Ferreira Sola. A pesca da baleia é legitimada pela Constituição Federal.
- 1829 A pesca da baleia extinguiu-se completamente.
- 1871 Surge o Porto de Imbituba, destinado ao embarque de carvão.
- 1923 Imbituba obtém sua primeira emancipação político-administrativa, com o então prefeito Álvaro Monteiro de Barros Catão.

Fonte: Portal Municipal de Imbituba. Editado pelo autor, 2019.

4.3 Dimensão Bioclimática

A área em estudo não apresenta nenhuma barreira natural ou construída que interfira nos condicionantes bioclimáticos da região, devido ao limite máximo de dois pavimentos. Como se trata de uma área litorânea, com muita vegetação, o bairro apresenta um clima agradável, sem áreas muito quentes.

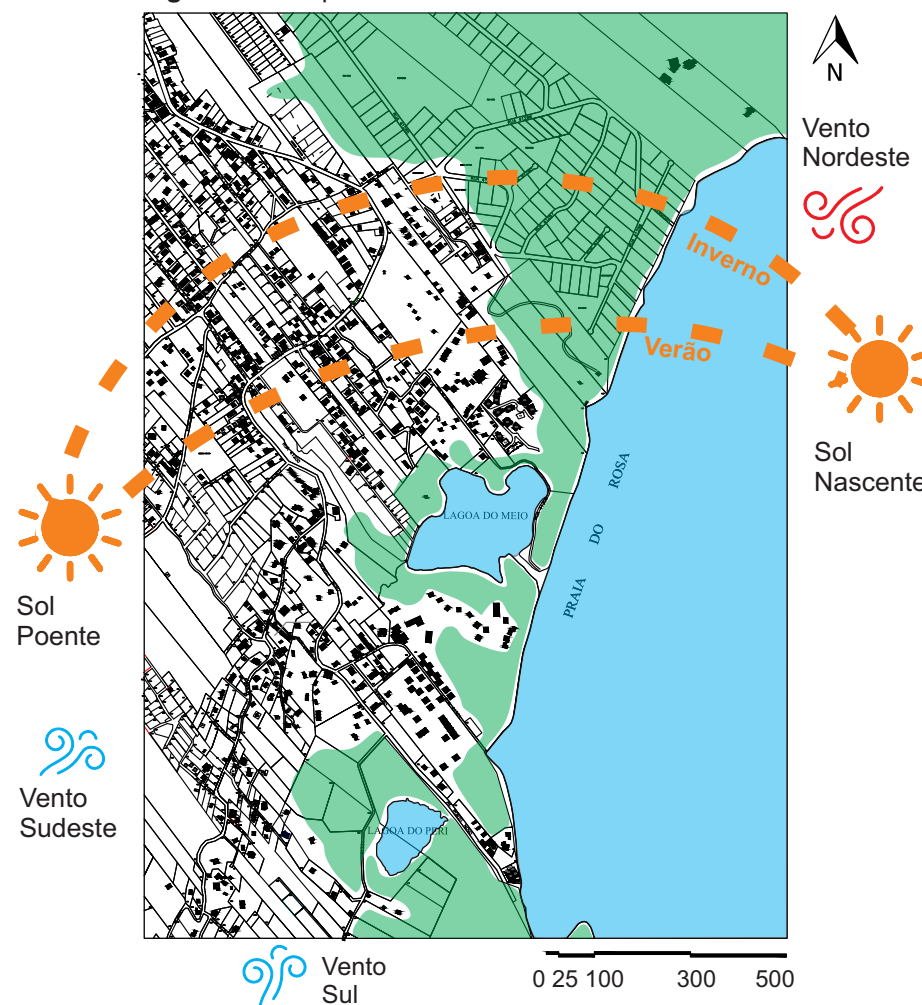
Segundo os dados meteorológicos, o município de Imbituba apresenta um clima subtropical, com suas estações bem definidas, onde se tem uma média de temperatura ao longo do ano de 13°C no inverno e 29°C no verão. Conforme o site da prefeitura, a região apresenta uma altitude média de 30 metros em relação ao nível do mar, possuindo uma grande área com cobertura vegetal, um total de nove praias, além de dunas e lagoas espalhas pelo município.

A zona de estudo para intervenção (figura 81) encontra-se 75% em área de proteção ambiental (de morro e lagoas), onde está localizada grande parte da ocupação, sendo uma área topográfica bem acidentada, com grande presença de vegetação e do elemento água no entorno, contribuindo para o microclima agradável da região.

A insolação atinge totalmente o local devido ao baixo gabarito das edificações, contribuindo para uma boa insolação em todas as edificações, as grandes massas de vegetação contribuem para o sombreamento natural, ajudando no conforto térmico em dias mais quentes.

Os ruídos locais ficam por conta de algumas casas noturnas que embora tenham isolamento acústico colocam som na rua, o tráfego local de veículos é outro fator embora não impacte muito, visto que é uma área residencial com vias locais com tráfego mais calmo.

Figura 81 - Mapa Bioclimático.



Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

4.5 *Dimensão Econômica*

Os custos de manutenção da estrutura local são baixos, com poucos investimentos pela prefeitura, visto que não há espaços públicos na área de estudo, como praças por exemplo, suas vias locais estão em péssimo estado de manutenção. Características morfológicas, como a densidade local, são definidas pela taxa de ocupação e índice de aproveitamento, que contribuem para a preservação da escala humana, tornando o morro elemento imponente, visto de todos lugares. O potencial turístico da área atrai diversas pessoas contribuindo para seu crescimento constante, que vem devastando cada vez mais a paisagem local, sendo necessária a criação de espaços de preservação permanente.

4.5.1 Infraestrutura urbana

A falta do sistema de tratamento de esgoto é um grande problema da região, ainda mais se tratando de uma área de preservação. Contando com os demais serviços como fornecimento de energia elétrica pela CERPALO, coleta de lixo e abastecimento de água pela SERRANA.

No sistema viário a falta de calçadas em diversos locais é alarmante, devido às edificações e muros feitos na margem das vias, obrigando pedestres a caminharem em meio aos veículos, a inexistência de ciclofaixas no local contribui para a dependência

dos veículos pessoais como meio de transporte. As áreas públicas na região de análise ficam por conta apenas das praias sem contar com praças e mobiliário urbano no local.

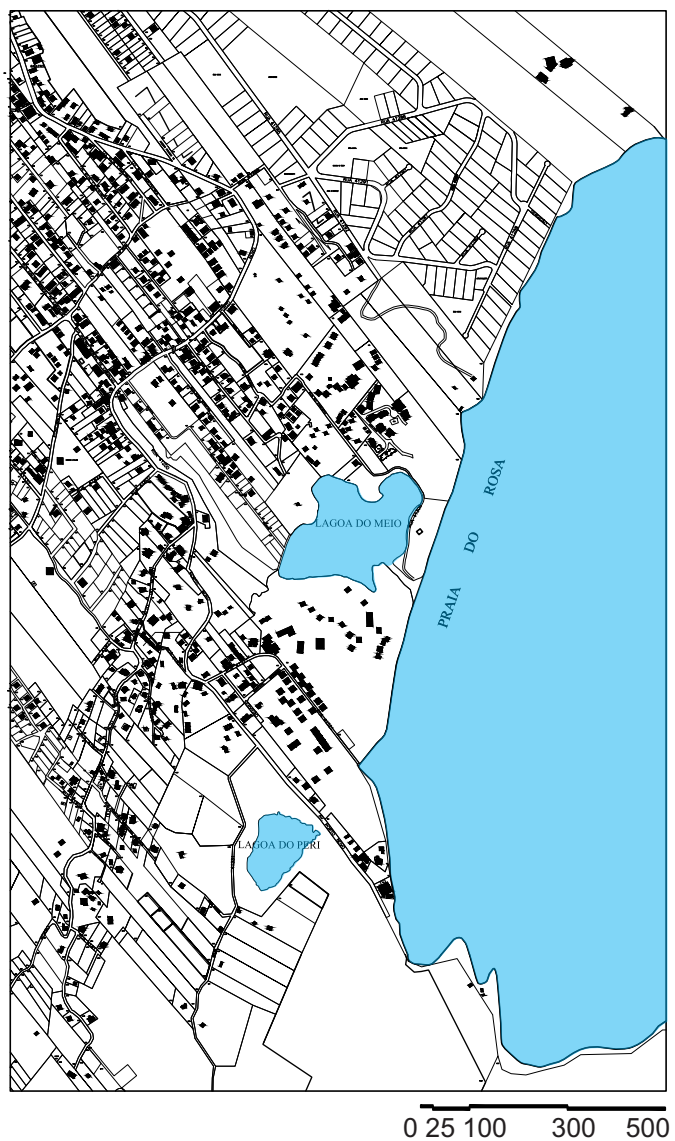
4.5.2 Cheios e vazios

Como em grande parte se trata de uma área de preservação, a mancha urbana fica marcada no entorno do Centrinho, onde possui uma malha urbana mais consolidada, delimitada pelas margens das lagoas (figura 83), ficando evidente as edificações irregulares, que estão avançando sobre a área da praia. Os espaços vazios às margens da praia são áreas de morro, sendo poucos os espaços vazios que não estão em área de preservação.

4.5.3 Gabaritos

Na área predominam residências e pousadas com altura máxima de 9 metros segundo o plano regulador do uso do solo, que também determina o máximo de dois pavimentos na região (figura 84). Além da escala mais amigável, estas regras contribuem com um maior conforto ambiental, já que as edificações não impactam nas outras, além de preservar a paisagem local, possibilitando a visualização do amplo horizonte.

Figura 83 - Mapa com os cheios e vazios.

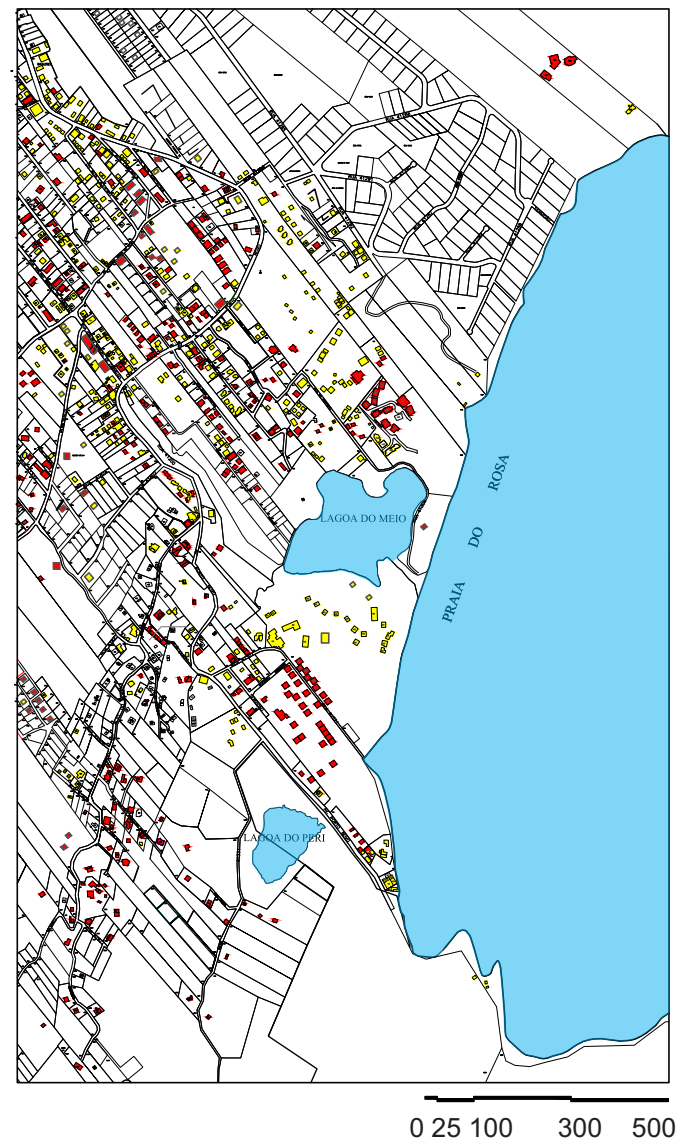


Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

■ Cheios □ Vazios

Figura 84 - Mapa com gabaritos.



Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

■ 1 Pavimento ■ 2 Pavimentos

4.6 *Dimensão Co-Presencial*

Carente de espaços públicos a praia é o principal ponto de integração e encontros, proporcionando diversas atividades esportivas e atrativos naturais, os pub's e casas noturnas mantêm o movimento e interação das pessoas durante as noites, movimentando o comércio local. Algumas pousadas acabam sendo barreiras, separando as pessoas de espaços naturais e caminhos feitos pelos moradores, que estão fechados por propriedades privadas.

4.6.1 População envolvida

Tratando-se de um local com forte apelo turístico, na área encontra-se um bairro residencial com grande número de pousadas e casas de aluguel, juntos a pequenos comércios como mercados, lojas, pubs etc. Assim acaba atraindo um grande número de população flutuante para a região, aproveitando as praias durante o dia e visitando comércios à noite, distribuindo renda pela região, tornando a região viva durante o dia e a noite durante a alta temporada.

4.6.2 Morfologia urbana - público x privado

Atualmente a área carece de espaços públicos inseridos no meio urbano (figura 85), sendo os únicos do local, as praias, lagoas e estradas da região. Há uma certa predominância do

traçado orgânico, dado pelas primeiras estradas da região, fruto da topografia local e ocupação antiga com estradas estreitas para os carros de boi.

Percebe-se que a área total de espaços privados já é maior que a dos públicos, que apresentam aproximadamente 15% do total, na qual efetivamente mais da metade trata-se de área de mata que não se caracteriza como espaço público, visto que não há infraestrutura para usufruto destes espaços. Desta forma se mostra a carência por espaços públicos que proporcionem maior diversidade de uso para os moradores e turistas, visto que no entorno a área conta apenas com a praia como espaço de lazer.

4.6.3 Uso do solo

Na área predominam residências e pousadas e casas de aluguel com pequenos comércios espalhados na região (figura 86), fazendo com que se tenha vida no local tanto de dia como à noite, embora o movimento seja mais perceptível próximo a Avenida Porto Novo onde se encontra maior parte do comércio local.

Na região encontram-se usos institucionais apenas no seu entorno, não dentro da área de estudo, tendo creches, posto de saúde, posto policial e etc, atendendo a demanda da região. Porém não há nenhum equipamento urbano ou espaços públicos na área, dificultando o acesso a áreas de lazer e integração.

Figura 85 - Mapa público e privado.

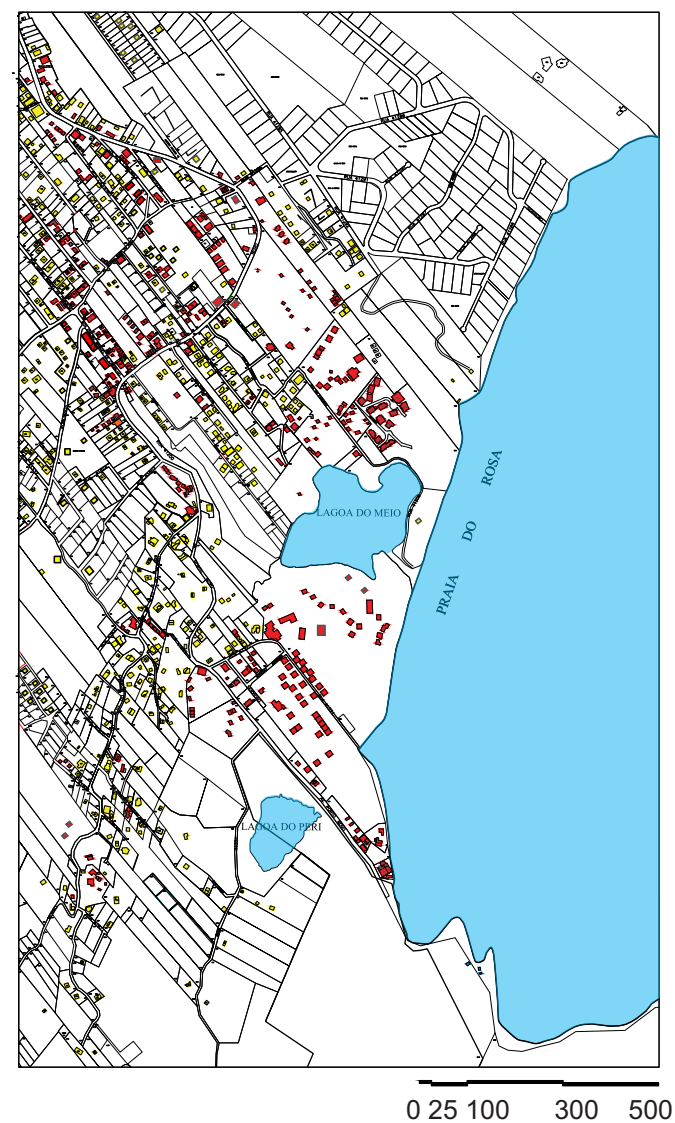


Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

□ Público ■ Privado

Figura 86 - Mapa com os usos do solo.



Fonte: Cadastral, editado pelo autor, 2019.

LEGENDA:

■ Residencial ■ Misto ■ Comercial

4.7 Dimensão Estética

Como se trata de uma área mais residencial, os conjuntos estéticos locais apresentam semelhança pela simplicidade, casas com duas águas ou mais, com uma linguagem mais praiana, as edificações locais acabam usando a madeira como elemento estético em revestimentos e estruturas aparentes, geralmente utilizada em residências mais caras.

De modo geral a área possui arquitetura simples, vistas em diversas outras regiões (figura 88). Com predominância de classe média, à área não possui zona de baixa renda. Em questão de materiais, a maior parte são casas de alvenaria, rebocadas, e com cobertura aparente, com duas ou quatro águas. Atualmente algumas edificações comerciais vem se destacando na área, utilizando materiais sustentáveis, com uma arquitetura mais elaborada com o uso de materiais distintos, se tornando ponto de referência para localização (figura 87).

Figura 87 - Edificação de containers.



Fonte: Arquivo autor, 2019.

Figura 88 - Edificação predominante.



Fonte: Arquivo autor, 2019.

Figura 89 - Edificação irregular no Rosa Norte.



Fonte: Thiago Pereira.

Atualmente na região se encontra uma gama enorme de escritórios de arquitetura e engenharia, construindo boas edificações, algumas utilizando princípios sustentáveis, outras privilegiam a estética própria e o visual para com a natureza no entorno, porém se esquecem da inserção da mesma na paisagem local, visando apenas o benefício próprio muitas acabam agredindo a região (figura 89).

4.8 Dimensão Afetiva

Com a utilização de entrevistas através do formulário online, disponível no apêndice, buscou-se o enriquecimento da percepção local através do olhar de diferentes usuários. A pesquisa, lançada no dia 26 de março de 2019, contou com a participação de 50 pessoas, dispondo da colaboração de moradores locais, dos bairros e municípios vizinhos, junto a visitantes de outras cidades.

A análise mostrou o grande afeto que moradores e turistas têm pelos espaços naturais da região (figura 90), com a preocupação pela preservação do patrimônio natural e cultural do local, espaços como a praia e as lagoas despertam sentimentos positivos em moradores e visitantes, embora muitos alegam não utilizar a Lagoa do Peri devido ao estado em que se encontra sua água.

Os ranchos de pesca e engenhos de farinha trazem a nostalgia para os moradores locais e têm a admiração dos visitantes. Grande parte dos entrevistados relatam constantemente a falta da infraestrutura local, como a falta de calçadas, iluminação pública, acessos e mobilidade, caixas eletrônicos, transporte público, saneamento e ciclofaixas.

O Centrinho do Rosa embora seja um ponto de conflito entre pedestres e veículos, que acaba gerando engarrafamentos, como citado em alguns questionários, ainda assim consegue despertar sentimentos positivos devido ao fato de ser um ponto de encontro bastante movimentado durante a noite.

Segundo o questionário aproximadamente 61% das pessoas chegam à praia usando carro, 36% a pé e 2% de bicicleta, confirmando a desvalorização dos transportes alternativos da região, que não conta com calçadas, ciclofaixas e pontos de ônibus, obrigando tanto os moradores locais como turistas a utilizarem o carro para chegar a praia.

Figura 90 - Imagens dos espaços usados na entrevista.



Fonte: Arquivo autor, 2019.

4.9 Síntese do diagnóstico

A Praia do Rosa é um ponto de destaque do município em constante crescimento econômico e populacional, devido a seu aspectos naturais e potencial turístico. Com o levantamento da área de estudo foi possível diagnosticar as deficiências e potencialidades da região (quadro 2), que conduzirão o projeto para uma proposta que atenda aos anseios e necessidades da população e turistas do local.

A intenção desta intervenção está ligada à necessidade de criar um espaço público para a cidade, visto que o local possui diversas deficiências em seu entorno como a falta de equipamentos urbanos, culturais e de lazer, além de o projeto ser um fator estratégico para a preservação da natureza e da cultura local com a potencialização econômica local através do ecoturismo, tornando válida a proposta elaborada no decorrer do trabalho.

Dentre as potencialidades do local vale destacar a natureza e a cultura da região, que possuem grande apreço tanto por moradores como turistas da região, a inserção do parque ecológico no morro do Rosa Norte permite a contemplação e aproximação do homem com a natureza, além consolidação de sua preservação, tratando-se de um fator extremamente importante para a qualidade de vida local.

Quadro 2 - Potencialidades e deficiências.



POTENCIALIDADES

Natureza
Cultura local
Turismo
Microclima
Topografia
Localização de grande valor



DEFICIÊNCIAS

Ocupação de áreas ambientais
Infraestrutura
Acessibilidade
Equipamentos urbanos
Espaços públicos
Transportes alternativos

Fonte: Acervo Próprio, 2019.

5. Partido

O capítulo traz o partido geral do Parque Natural Engenho do Mar, sendo representado através de plantas, croquis e maquetes eletrônicas.

5.1 Conceito

5.2 Diretrizes

5.3 Programa de necessidades e pré-dimensionamento

5.4 Zoneamento e partido

5.5 Setor Ativo

5.6 Setor de contemplação

5.7 Setor cultural

5.8 Restaurante

5.9 Museu

5.10 Área de eventos

5.11 Materiais

5.11 Considerações finais

5.1 Conceito

O conceito tem como origem a colonização açoriana e o objetivo de preservar a história e a paisagem local, proporcionando aos visitantes e moradores um local de lazer e recreação integrado com a natureza e as tradições locais, além de oferecer as mais diversas atividades, abrangendo assim o maior número de usuários possível. Os engenhos de farinha (figura 91) e ranchos de pesca (figura 92), que representam um dos grandes símbolos culturais da região, possuindo grande estima pelos moradores locais, tratando-se de um elemento de suma importância para preservação da diversidade sociocultural. Assim a valorização da cultura local se deu através da integração do parque aos ranchos de pesca, proporcionando espaços que promovem suas tradições e a preservam a natureza.

Segundo Castellano (2015), os engenhos de farinha do Litoral Centro Sul de Santa Catarina foram criados a partir da miscigenação cultural entre açorianos e indígenas há mais de duzentos anos. Ainda conforme o autor estes espaços de transformação da matéria prima, da mandioca, além de permitirem seu manuseio armazenagem ao longo do tempo, representam um organização comunitária, da cultura agroalimentar, retratando a rica sociobiodiversidade brasileira.

A arquitetura vernacular utilizada nestas edificações, com materiais do próprio local, apresentando uma linguagem simples, com cobertura de duas águas, telhas de calha, chão batido,

fechamentos com taboados de madeira, além dos sistemas de engrenagens artesanais feitos em madeira, que utilizavam a tração animal.

Os engenhos de farinha servirão como inspiração para forma e elementos estéticos do parque, além de oferecer espaços para valorização e oferta de produtos típicos da cultura local, frutos da pesca artesanal e da produção da farinha de mandioca, resgatando estes elementos materiais e imateriais. Com a apropriação deste meio natural para os fins da cultura, educação e ecoturismo, o projeto busca exaltar o contato do homem e a natureza, harmonizando a sociedade com este bem em comum.

Figura 91 - Engenho de farinha.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 92 - Ranchos de pesca.



Fonte: Acervo próprio, 2019.

5.2 Diretrizes

As principais diretrizes utilizadas na elaboração do projeto do parque ecológico (figura 93) foram elaboradas através das necessidades da área, levando em consideração os condicionantes locais, além dos questionários realizados com moradores locais e turistas da região, além dos estudos de referenciais e estudos realizados no decorrer do trabalho.

A ideia principal consiste em barrar a expansão urbana em meio à natureza, criando um parque que ofereça atividades de lazer e cultura, sendo referência para a preservação ambiental na região.

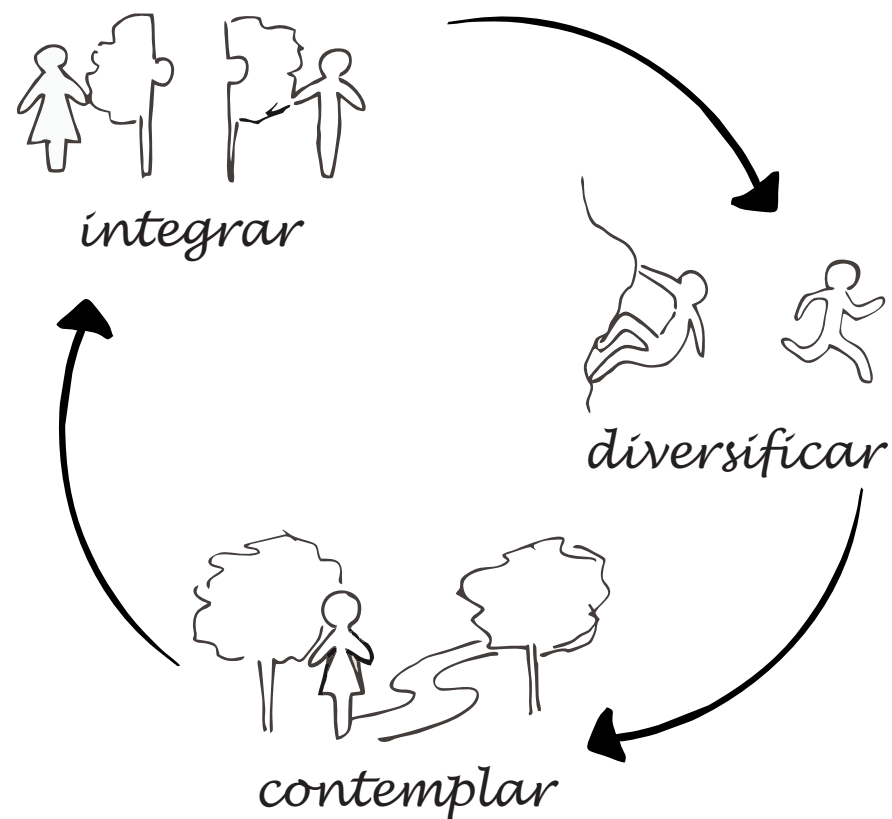
Principais diretrizes:

- 1- Requalificar e preservar a paisagem local.
- 2- Valorizar elementos naturais e diminuir o impacto visual.
- 3- Promover a diversidade de usos em diversos períodos, junto à permanência local.
- 4- Integrar e conectar os espaços projetados com a natureza, fortalecendo a relação do homem com o ambiente.
- 5- Criar trilhas ecológicas e áreas para esporte de aventura promovendo a educação ambiental.

6- Projetar espaço para eventos e áreas para animais de estimação.

7- Criar um centro de interpretação da história dos imigrantes açorianos no litoral catarinense, expondo da produção de farinha e pesca artesanal.

Figura 93 - Diagrama.



Fonte: Autor, 2019.

5.3 Programa de necessidades e pré-dimensionamento

O programa de necessidades do parque tem como principal objetivo a preservação do aspecto ambiental e cultural, além de integrar e conscientizar o homem com a natureza. Sendo dividido em três partes para melhor compreensão, seguindo os ambientes e suas respectivas áreas a seguir (Quadro 2).

Quadro 3 - Programa de necessidades.

PARQUE ECOLÓGICO - Estacionamento: 1000m² - Administração: 70m² - Restaurante: 450m² - Museu: 325m² - Espaço pet: 1000m² - Trilhas: --- - Decks e mirantes: --- - Área de eventos: 350m² - Esporte de aventura: --- - Playground e quadras esportivas: 1500m² - Sanitários: 45m²	RESTAURANTE - Sala de mesas: 200m² - Espera: 15m² - Caixa: 7m² - Bar: 8m² - Fraldário: 3m² - Banheiro 30m² - Banheiro pne: 2,5m² - Cozinha: 60m² - Hig. das mãos: 1m² - Lav. de louças: 15m² - Dep. de louças: 6m² - Dep. de bebidas: 6m² - Despensa: 12m² - Nutricionista: 9m² - Câmara fria: 12m² - Vest. m/f funcionários: 10m² - ADM: 9m² - Recepção e espera: 12m² - Copa: 12m² - Pré higienização: 9m² - Dep. de caixas: 6m² - Conferente: 6m² - Gás e lixo: 4m² - Dep. de lixo: 2m²	
ORLA DA PRAIA - Pista de caminhada e corrida: --- - Decks e rampas de acesso: --- - Sanitários e pontos de salva vidas: 15m²	CENTRO DE INTERPRETAÇÃO - Exposição: 150m² - Banheiros: 30m² - Banheiros pne: 2,5m² - Fraldário: 3m² - Informações: 15m² - Reserva técnica: 20m² - Curadoria: 12m² - Catalogo: 9m² - Vest. m/f funcionários: 10m² - Sala diretor: 9m² - Financeiro: 9m² - Secretaria: 9m² - Copa: 6m² - Sala de reunião: 10m² - Recepção: 9m² - Sala de manutenção: 6m² - Sala de limpeza: 6m² - Depósito geral: 10m²	

Fonte: Autor, 2019.

5.11 Materiais

Os materiais utilizados na proposta do parque contarão com estruturas em aço, com alguns fechamentos em concreto armado para contenção de aterros, com grandes aberturas em vidros para maior permeabilidade visual nas edificações propostas. Entre os passeios e decks da área externa serão utilizados madeiras de reflorestamento certificada e piso drenante.

Os mobiliários urbanos seguem a mesma linha do parque sendo inspirados por elementos utilizados nos engenhos de farinha e ranchos de pesca, possuindo estrutura em aço para maior resistência e tendo seus assentos em madeira para proporcionar maior conforto aos usuários (figura 117).

Figura 117 - Mobiliário em madeira.



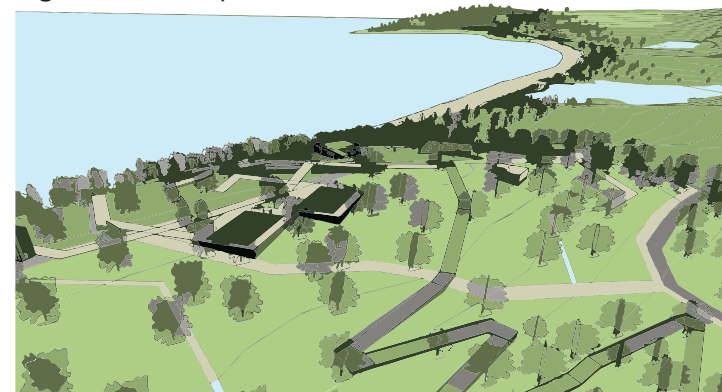
Fonte: Arthur Cordeiro.

5.12 Considerações finais

Após os estudos realizados durante o trabalho, foi possível compreender a importância que a Praia do Rosa possui perante o município de Imbituba, os conhecimentos adquiridos sobre o tema abordado contribuiriam para a elaboração da proposta, levando em consideração elementos ambientais, culturais e a população como fator primordial na concepção deste espaço. Sua implantação desde o início visou a preservação ambiental e qualidade de vida, valorizando o local onde está inserido e contribuindo para o melhorar o desenvolvimento da região.

Para a próxima etapa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC 2), todos setores do parque (figura 118) serão aprofundados, trazendo maiores detalhamentos e especificações técnicas de projeto, alcançando os objetivos apresentados durante o trabalho bem como as expectativas geradas no decorrer do semestre.

Figura 118 - Parque.



Fonte: Acervo Próprio, 2019.

6. Referências

O capítulo traz os livros, dissertações, artigos, teses e sites utilizados para consulta no decorrer do estudo.

Parque Natural Municipal
do Morro da Cruz

← Trilha dos Camboatás

Area de Restauração Florestal

← Horta Modelo

ArchDaily Brasil. **Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados**. Acessado em: 06 Abr 2019. <https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados>.

ASLA. **American Society of Landscape Architects**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.asla.org/2012awards/584.html>.

BENEDET, Michelle. Imagens autorais cedidas pela autora.

CASTELLANO, Flora de Oliveira et al. **Território e desenvolvimento rural: o caso dos engenhos de farinha de mandioca do litoral centro-sul de Santa Catarina**. 2015.

CORDEIRO, Arthur. **Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados**. Acessado 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados>.

DE OLIVEIRA, Lucimara Albieri; MASCARÓ, Juan José. **Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer**. Ambiente construído, v. 7, n. 2, p. 59-69, 2007.

DOURADO, Guilherme Mazza. **Visões de paisagem: um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil: Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas**. Associação

Brasileira de Arquitetos Paisagistas, 1997.

D.PAES-LUCHIARI, Maria Tereza et al. **PATRIMÔNIO, NATUREZA E CULTURA**. São Paulo: Papirus, 2007.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho ambiental : uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1997.

GRUNOW, Evelise. **Curvas que atraem**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/jaime-lerner-arquitetos-associados-parque-urbano-orla-do-guaiba-porto-alegre>.

G1. **Praia do Rosa, em SC, está na lista das 30 baías mais belas do mundo**. Acessado em 06 abr 2019. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2014/noticia/2013/12/praia-do-rosa-em-sc-esta-na-lista-das-30-baias-mais-belas-do-mundo.html>.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1999. Tradução Carlos Eduardo Lima Machado.

LEITÃO FILHO, H. De; AZEVEDO, D.B. **Critérios gerais para implantação de um parque ecológico**. Campinas: Unicamp:

1998.

MARQUES, José Roberto. **Meio Ambiente Urbano**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2005.

MARTINS, Almir. **PRESENÇA DA BALEIA NO SUL**. Imbituba: Lex Graf, 1998.

PEREIRA, Thiago. **Sentença determina a demolição de construção realizada de forma irregular no Canto Norte da Praia do Rosa**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.noticiasinfoco.com.br/artigo/sentenca-determina-a-demolicao-de-construcao-realizada-de-forma-irregular-no-canto-norte-da-praia-do-rosa>.

Prefeitura de Imbituba. **História**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.imbituba.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/49267>.

Prefeitura de Imbituba. **Aspectos Geográficos**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.imbituba.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/49631>.

PINTO, J. B.; ANDRADE, JR de L.; SILVA, C. E. **Ecoturismo na cultura de consumo: possibilidade de Educação Ambiental ou**

espetáculo?. Revista Brasileira de Ecoturismo, v. 2, n. 01, 2009.

Red Mountain Park. **Red Mountain Park Oficial Website**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <https://redmountainpark.org>.

Red Mountain Park / instagran. **@redmountainpark**. Acessado em: 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/redmountainpark>.

SAKATA, Francine Mariliz Gramacho. **Parques urbanos no Brasil - 2000 a 2017**. 2018. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.16.2018.tde-20092018-143928. Acesso em: 19 maio 2019.

TERAMUSSI, Thais Moreto. **Percepção ambiental de estudantes sobre o parque Ecológico do Tietê, São Paulo-SP**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Wallace Roberts & Todd, LLC. **Red Mountain / Green Ribbon - The Master Plan for Red Mountain Park**. Acessado 06 Abr 2019. Disponível em: <https://www.asla.org/2012awards/584.html>.



7. Apêndices

As apêndices trazem as entrevistas realizadas no estudo de caso e análise da área, junto com os mapas mentais elaborados pelos entrevistados na Praia do Rosa.

7.1 Questionário

7.2 Entrevista

7.3 Mapas mentais

7.1 Questionário

Questionário online aplicado através do Google Formulários.

Pesquisa sobre a Praia do Rosa - Imbituba SC

Questionário informal de pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, com a utilização da análise destes dados no enriquecimento da proposta de intervenção urbana, visando os usuários como sujeitos importantes na idealização dos espaços.

Nome

Sua resposta

Qual bairro ou cidade você mora?

Sua resposta

Como você chega até a praia?

- ☐ Carro
- ☐ A pé
- ☐ Bicicleta
- ☐ Ônibus

O que você acha que falta na Praia do Rosa?

Sua resposta

Quais atividades você realiza?

Sua resposta

O que você sente pela Praia do Rosa?

Sua resposta

Qual sentimento você tem pelos seguintes espaços?



Praia

Sua resposta





Lagoa do Meio

Sua resposta



Lagoa do Peri

Sua resposta



Ranchos de pesca

Sua resposta



Engenho de farinha

Sua resposta



Morro - Rosa Norte

Sua resposta



Centrinho do Rosa

Sua resposta

7.2 Entrevista

Entrevista realizada com os funcionários do Parque Natural Municipal do Morro da Cruz - SC.

- 1) Quantas pessoas, em geral frequentam o parque?
- 2) Quais os dias e horários são mais utilizados?
- 3) Quais espaços são mais utilizados?
- 4) O que você acha que poderia ser melhorado no parque?

7.3 Mapas mentais

Mapas elaborados pelos entrevistados na Praia do Rosa.

